

ELISA MARIA PINHEIRO DE SOUZA
WALDINETT NASCIMENTO TORRES PENA

ESTUDO ONOMASIOLÓGICO
SOBRE O FALAR DE
SALVATERRA
MARAJÓ-PARÁ



**ESTUDO ONOMASIOLÓGICO
SOBRE O FALAR SALVATERRENSE
MARAJÓ – PA**





AVALIAÇÃO, PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por pares e indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Aline G. B. Z Benevides CRB-1/3354

D54
1.ed. Estudo onomasiológico sobre o falar salvaterrense Marajó – PA [recurso eletrônico] / Elisa Maria Pinheiro de Souza. Waldinett Nascimento Torres Pena. – 1.ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2026, 83 p.

Recurso digital.

Formato: e-book

ISBN: 978-65-5368-698-4

1. Lexicologia. 2. Semântica Estrutural. 3. Onomasiologia.
4. Semasiologia. 5. Dialetologia. 6. Terminologia. 7. Geolinguística.

I. Souza, Elisa Maria Pinheiro de.
II. Pena, Waldinett Nascimento Torres.

9-2026/11

CDD 469.81
CDU 811.134.3 (81)

Índice para catálogo sistemático:
1. Língua Portuguesa: Contextos Diversos.

 <https://doi.org/10.37008/978-65-5368-698-4.30.1.26>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia da Editora BAGAI por qualquer processo, meio ou forma, especialmente por sistemas gráficos (impressão), fonográficos, microfílmicos, fotográficos, videográficos, reprográficos, entre outros. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal) com pena de multa e prisão, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Este livro foi composto pela Editora Bagai.

 www.editorabagai.com.br

 [/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)

 [/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)

 contato@editorabagai.com.br

Elisa Maria Pinheiro de Souza
Waldinett Nascimento Torres Pena

ESTUDO ONOMASIOLOGICO
SOBRE O FALAR SALVATERRENSE
MARAJÓ – PA



1.a Edição – Copyright© 2026 dos autores.
Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).
As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

<i>Editor-Chefe</i>	Prof. Dr. Cleber Bianchessi
<i>Revisão</i>	As autoras
<i>Capa</i>	Ramayana Ísis Torres Pena
<i>Diagramação</i>	Luciano Popadiuk
<i>Conselho Editorial</i>	Dr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOESC Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo – CESUPA Dra. Andréia de Bem Machado – UFSC Dra. Andressa Grazielle Brandt – IFC – UFSC Dr. Antonio Xavier Tomo – UPM – MOÇAMBIQUE Dra. Camila Cunico – UFPB Dr. Carlos Alberto Ferreira – UTAD – PORTUGAL Dr. Carlos Luís Pereira – UFES Dr. Claudino Borges – UNIPIAGET – CABO VERDE Dr. Cledione Jacinto de Freitas – UFMS Dra. Clélia Peretti – PUC-PR Dra. Dalia Peña Islas – Universidad Pedagógica Nacional – MÉXICO Dra. Daniela Mendes V da Silva – SEEDUCRJ Dr. Deivid Alex dos Santos – UEL Dra. Denise Rocha – UFU Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza – UEPA Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESCV Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima – UFPI Dr. Ernane Rosa Martins – IFG Dra. Flavia Gaze Bonfim – UFF Dr. Francisco Javier Cortazar Rodríguez – Universidad Guadalajara – MÉXICO Dr. Francisco Odécio Sales – IFCE Dra. Geuciane Felipe Guerin Fernandes – UENP Dr. Hélder Rodrigues Maiunga – ISCED-HUILA – ANGOLA Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC Dra. Helisamara Mota Guedes – UFVJM Dr. Humberto Costa – UFPR Dra. Isabel Maria Esteves da Silva Ferreira – IPPortalegre – PORTUGAL Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira – PUC-SP Dr. João Paulo Roberti Junior – UFRR Dr. Joao Roberto de Souza Silva – UPM Dr. Jorge Carvalho Brandão – UFC Dr. Jose Manuel Salum Tome, PhD – UCT – Chile Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya – CUIM-MÉXICO Dr. Juliano Milton Kruger – IFAM Dra. Karina de Araújo Dias – SME/PMF Dra. Larissa Warnavin – UNINTER Dr. Lucas Lenin Resende de Assis – UFLA Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ Dra. Luísa Maria Serrano de Carvalho – Instituto Politécnico de Portalegre/CIEP-UE – POR Dr. Luiz M B Rocha Menezes – IFTM Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra – UFPB Dr. Marciel Lohmann – UEL Dr. Márcio de Oliveira – UFAM Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR Dra. María Caridad Bestard González – UCF-CUBA Dra. Maria Lucia Costa de Moura – UNIP Dra. Marta Alexandra Gonçalves Nogueira – IPLEIRIA – PORTUGAL Dra. Nadja Regina Sousa Magalhães – FOPPE-UFSC/UFPeI Dr. Nicola Andrian – Associação EnARS, ITÁLIA Dra. Patricia de Oliveira – IF BAIANO Dr. Paulo Roberto Barbosa – FATEC-SP Dr. Porfirio Pinto – CIDH – PORTUGAL Dr. Rogério Makino – UNEMAT Dr. Reiner Hildebrandt-Stramann – Technische Universität Braunschweig – ALEMANHA Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS Dr. Ricardo Cauica Ferreira – UNITEL – ANGOLA Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto – UNICENTRO Dra. Rozane Zaionz – SME/SEED Dr. Samuel Pereira Campos – UEPA Dr. Stelio João Rodrigues – UNIVERSIDAD DE LA HABANA – CUBA Dra. Sueli da Silva Aquino – FIPAR Dr. Tiago Tendai Chingore – UNILICUNGO – MOÇAMBIQUE Dr. Thiago Perez Bernardes de Moraes – UNIANDRADE/UK-ARGENTINA Dr. Tomás Ratil Gómez Hernández – UCLV e CUM – CUBA Dra. Vanessa Freitag de Araújo – UEM Dr. Walmir Fernandes Pereira – FLSHEP – FRANÇA Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT Dr. Yoissel López Bestard-SEUDUCRS

APRESENTAÇÃO

Antes de iniciar esta apresentação, permito-me registrar algo que ultrapassa o campo profissional e toca o território das relações que nos constituem: sou filho da Prof^a. Ma. Waldinett Nascimento Torres Pena e amigo da Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza, autoras desta obra. A primeira, responsável pelas duas (2) primeiras etapas da pesquisa que deu origem a este livro e a segunda, responsável pela coordenação da terceira etapa da pesquisa. Essa proximidade afetiva e intelectual não compromete meu olhar; ao contrário, amplia minha responsabilidade e meu compromisso com a seriedade e a profundidade deste trabalho, que acompanhei nascer, crescer e se fortalecer ao longo dos anos.

Falar do Marajó é falar de um território que pulsa em mim desde muito antes de eu compreender, com rigor científico, a complexidade das águas que o moldam. Nasci em Belém, é verdade, mas foi no Marajó — em suas marés, seus rios intermináveis, seus campos alagados e na força de seu povo — que encontrei o sentido mais profundo de pertencimento. Sou, por formação, um homem das águas; por escolha, um estudioso da vida que nelas habita; e, por afeto, um marajoara-bragantino que reconhece, na cultura linguística desta região, um patrimônio tão valioso quanto sua biodiversidade.

É com esse olhar — simultaneamente técnico e apaixonado — que apresento a obra “Estudos onomasiológicos sobre o falar salvaterrense – **Marajó-Pará**”, dedicada ao estudo do vocabulário semântico-lexical do português falado no Marajó. Trata-se de um trabalho que ultrapassa os limites da linguística descritiva e se inscreve como um gesto de preservação cultural, de reconhecimento identitário e de valorização das vozes que constroem, diariamente, a riqueza humana deste arquipélago.

A pesquisa aqui reunida percorre um caminho de décadas, iniciando-se em 1981, retomando-se em 2018 e expandindo-se, na terceira etapa, para outras vilas marajoaras. Esse percurso temporal e espacial permite observar não apenas o léxico em si, mas os modos de vida que o sustentam: a pesca artesanal, a criação de búfalos, o cultivo da mandioca, o extrativismo, as festas, as crenças, os gestos e as relações comunitárias que dão forma ao falar marajoara. Cada palavra registrada é, portanto,

mais do que um item lexical — é um fragmento de memória, um traço de identidade, uma marca de resistência cultural.

Como profissional das ciências aquáticas, acostumado a observar a dinâmica dos ecossistemas, reconheço neste trabalho um movimento semelhante ao das águas: contínuo, vivo, em transformação. O léxico marajoara não é estático; ele se renova, se adapta, cria formas, preserva antigas expressões e revela, em cada mudança, a vitalidade de um povo que dialoga com o tempo sem perder suas raízes. A obra evidencia, com rigor metodológico, como a criatividade linguística emerge da experiência cotidiana — seja na metáfora que nasce da observação da natureza, seja na comparação que brota do trabalho no campo, seja na adaptação fonológica que acompanha o ritmo da oralidade.

A relevância deste estudo ultrapassa o interesse acadêmico. Ele contribui para a construção de um registro histórico e cultural que, de outra forma, poderia se perder em um mundo cada vez mais acelerado, onde a padronização linguística avança sobre as particularidades regionais, tanto que trabalhos como este atuam como instrumentos de preservação e valorização da diversidade. Para o Marajó, isso significa garantir que as futuras gerações possam reconhecer, em sua própria fala, a herança de seus antepassados.

Além disso, a obra oferece subsídios valiosos para áreas como a Lexicologia, a Lexicografia, a Sociolinguística e os estudos culturais. A elaboração de um vocabulário específico, fundamentado em dados coletados diretamente com os falantes, representa uma contribuição significativa para a descrição da língua portuguesa brasileira, especialmente, no que diz respeito às variedades regionais. Trata-se de um material que poderá servir de base para pesquisas futuras, para a produção de dicionários especializados e para iniciativas de educação linguística voltadas às comunidades marajoaras.

Como alguém que vive o Marajó não apenas pela ciência, mas pela alma, sinto orgulho em ver uma obra que respeita e honra a fala de seu povo. Cada termo registrado aqui carrega a força de uma história coletiva; cada análise revela a profundidade de uma cultura que se expressa com autenticidade; cada página reafirma que o Marajó é, antes de tudo, um território de saberes.

Que esta obra inspire pesquisadores, educadores, estudantes e moradores a olhar para o léxico marajoara com o mesmo encantamento com que eu olho para as águas que banham esta terra. Que ela fortaleça o sentimento de pertencimento e contribua para que a língua — esse organismo vivo que nos constitui — continue sendo um espaço de memória, identidade e resistência.

Com admiração e profundo respeito,

Engº. Me. Ramon Wagner Torres Pena
Tecnólogo de Alimentos (UEPA)

Experiente em ensino profissionalizante
de agroextrativismo (FADESPE)

Engº de Pesca. Mestre em Biologia Ambiental
com ênfase em Oceanografia (UFPA)

Marajoara-bragantino por afeto e pertença

SUMÁRIO

DO CONCEITO À PALAVRA.....	9
I	
O ESTADO DO PARÁ.....	15
II	
A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO FALAR PARAENSE	23
III	
DESVENDANDO O CAMPO TERMINOLÓGICO	27
IV	
DIÁLOGO COM A TEORIA	35
V	
AS PESQUISAS	39
5.1 A PRIMEIRA PESQUISA “CAÇANDO PALAVRAS”	39
5.2. A SEGUNDA PESQUISA “GUARDANDO PALAVRAS”	49
5.3 A TERCEIRA PESQUISA “ASPECTOS LEXICAIS E SEMÂNTICOS DO PORTUGUÊS FALADO NA REGIÃO DO MARAJÓ, ESTADO DO PARÁ”	72
PONDERAÇÕES.....	75
REFERÊNCIAS	77
SOBRE AS AUTORAS	80
ÍNDICE REMISSIVO.....	81

DO CONCEITO À PALAVRA

No Brasil, há cerca de 150 línguas faladas convivendo com a língua portuguesa. Essa diversidade de línguas faladas decorre dos inúmeros contatos linguísticos que aconteceram e ainda acontecem com a língua materna, fato marcante na história do percurso do português falado em solo brasileiro. No entanto, é evidente a expansão da língua portuguesa no espaço geográfico brasileiro, demonstrada pela quantidade de falantes, fato que, às vezes, torna-se uma ameaça as outras línguas faladas no mesmo espaço, como no caso das indígenas.

Muitas pesquisas sobre variação lexical na língua portuguesa têm sido realizadas no Brasil, com destaque para o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB e para a construção de atlas regionais, os quais visam ao mapeamento linguístico do Brasil, investigando, mais detidamente, as variantes de cada região do Brasil. A relevância dos estudos dialetais para as pesquisas socio-linguísticas incide na possibilidade de registro da língua em seu contexto de uso e, também, pela contribuição dada à elaboração de atlas linguísticos.

Resultados de tais inúmeras pesquisas que, tratando de temáticas semelhantes e considerando as dimensões da variação linguística, indicam a ocorrência de traços linguísticos na fala dos usuários da língua materna, corroborando com a afirmação sobre a existência de variações semânticas e lexicais no falar desses falantes. Esses traços linguísticos, além de retratarem a riqueza da cultura e da linguagem das comunidades de fala, permitem a reflexão acerca da diversidade da língua portuguesa no Brasil, suas características e suas variações. Apontam também para o fato de que o uso da língua se modifica quando realizada por falantes de sexo, idade e escolaridade diferentes, como também, as variações são determinadas pelo tempo de convivência linguística.

Além disso, a sociedade globalizada com o advento da tecnologia potencializa o desenvolvimento técnico e científico motivando nos falares uma intensa criação lexical, tanto que, os repertórios lexicográficos¹ e terminográficos² são, atualmente, sistematizados, a fim de que um maior número de usuários tenha acesso a esses conhecimentos. Tais repertórios

¹ Fontes sobre o conjunto de palavras existentes em um idioma, consolidados em dicionários, vocabulários e glossários.

² Fontes de fornecimento de definição e significado de uma palavra ou de um termo.

unem-se aos onomasiológicos³, os quais indicam a palavra ou termo não conhecido, bem como a sua expressão.

O trabalho é uma retomada de pesquisas de cunho geolinguístico, de caráter onomasiológico, realizadas na cidade de Salvaterra, localizada na Ilha do Marajó, no estado do Pará; a primeira desenvolvida em 1981, sobre a variedade lexical existente na localidade, com foco na denominação das partes do corpo humano, funcionamento biológico e algumas doenças e a segunda, efetivada em 2018, na qual, houve a utilização do vocabulário construído na primeira, para refletir sobre os termos que o constituíram, em termos de suas estruturas e processos formadores, valendo ressaltar que ambas foram coordenadas pela Profa. Waldinett Nascimento Torres Pena.

O Pará faz parte da região amazônica e é uma das regiões do Brasil marcada pela concentração de línguas indígenas que convivem com variedades do português e outras línguas estrangeiras, como o japonês (falado na cidade de Tomé Açu), o italiano e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Esta diversidade linguística reflete-se em diversas formas culturais e literárias e, também, na diversidade das sociedades regionais.

Além disso, a forma da fala efetivada no Pará é influenciada por diversas fontes, dentre as quais, a Uma grande influência oriunda vem de Portugal, mais concretamente do Norte, onde a sonoridade do “chiado” é muito distinta. Por exemplo, um “s” ou um “z” com som de “x” é comumente encontrado em palavras como “mas”, “paz” ou no final de sílaba, como em “bolhas”. Na verdade, o Pará é rico em variações linguísticas, diversidade resultante é resultado da coexistência de diferentes línguas e variadas culturas, tesouro que justifica os falares paraenses, valendo que vale a pena explorar e valorizar.

O falar de Salvaterra se interliga às atividades trabalhistas do município, tanto que, dentre as palavras pesquisadas, muitas se referem à pesca e à agricultura. A exemplo, toma-se as palavras “mastro” e “mandioca” utilizadas como referência para o órgão genital masculino, além de outras que estão ligadas à natureza que rodeia os falantes, como “peito de pombo”, para denominar pessoa que têm o peito proeminente.

A peculiaridade do falar salvaterrense está no modo gracioso com que o falante enuncia cada palavra, na maioria das vezes, por meio de metáforas ou comparações que, quase sempre, provoca risos aos ouvintes.

³ A onomasiologia é um ramo da lexicologia que estuda os significados partindo de um conceito existente na realidade, o significado (abstrato ou concreto)

Na pesquisa de 1981, a preocupação incidia apenas na coleta de palavras denominativas das partes do corpo humano e às possíveis variações lexicais, sem nenhuma preocupação fonética. Tal coleta foi realizada por meio de entrevistas com moradores da cidade de Salvaterra, utilizando questionários estruturados que solicitavam a nomeação das partes do corpo humano. As respostas foram registradas manualmente e, posteriormente, organizadas em fichas lexicais. O material obtido serviu de base para a análise, que buscou a identificação dos processos formativos das palavras, considerando metáforas, metonímias, onomatopeias, linguagem infantil e aspectos da cultura local. Vale ressaltar que, ao final, as ocorrências mais significativas e não dicionarizadas foram comentadas de forma detalhada.

É importante mencionar que, à época da pesquisa, havia, entre a zona urbana e a rural, diferenças pouco perceptíveis quanto ao vocabulário utilizado pelos falantes para a denominação das partes do corpo humano. Eram criações peculiares de uma gente voltada à pesca e à lavoura, de pessoas conhecedoras do passado de Salvaterra e de todas as famílias que ali viviam.

No primeiro semestre de 2018, houve um retorno da pesquisadora ao *locus* da pesquisa realizada em 1981, a qual, convidada pela prefeitura municipal de Salvaterra, para ministrar um curso de capacitação intitulado “Português para a sala de aula”, aos docentes da rede municipal de ensino, com o objetivo de instrumentalizá-los docentes para o trabalho com os conteúdos programáticos a partir da vivência do educando. Com tal contexto, a mesma, sentiu-se motivada a retomar a antiga investigação. Assim, o que antes, foi induzido pela curiosidade de conhecer os falares de Salvaterra, passou à crescente vontade, não só de ouvir outra vez as palavras pesquisadas, mas em saber quantas foram, até aquele momento, mantidas em uso pelos falantes e, com os resultados, trabalhar com os docentes o estabelecimento da relação entre as palavras e suas estruturas e processos formadores.

Tal retomada fez renascer o interesse de ir além da simples catalogação lexical, ampliando o olhar para os aspectos socioculturais que permeiam o uso da linguagem na comunidade de Salvaterra. Com a verificação de que, muitos informantes da pesquisa realizada em 1981 já haviam morrido, mas que, no entanto, seus descendentes, mesmo estando relativamente inseridos na era digital, conservavam o vocabulário que seus pais e avós usavam, para denominarem as partes do corpo humano, como também, que no decorrer de 37 anos, ocorreram alterações vocabulares nas 109 palavras

pesquisadas anteriormente, foi premente a demanda em saber o porquê da ocorrência e o como isso ocorreu, surgindo assim a 2ª pesquisa, agora com nova perspectiva, tendo a questão norteadora incidindo na busca de traços linguísticos que pudessem retratar as formas variantes dos termos em uso pelos falantes, a fim de que, de posse dos dados coletados, fosse possível trabalhar as estruturas e os processos formadores das palavras pesquisadas.

A segunda pesquisa propôs uma abordagem integrada, que contemplava os processos de formação lexical, as influências interlinguísticas e os fatores extralinguísticos que moldam o repertório linguístico local e com tal foco, a investigação passou a considerar não apenas os termos utilizados, mas também os contextos em que emergem, suas motivações históricas, simbólicas e identitárias. Seu objeto de estudo incidiu na possível variação lexical das 109 palavras pesquisadas anteriormente, em termos da nomenclatura das partes do corpo humano e do falar Salvaterrense.

A pesquisa, devido à nova situação contextual, utilizou o mesmo *locus*, mas seu objetivo recaiu na análise do repertório onomasiológico, constituído de palavras coletadas na pesquisa anterior, que se mantiveram no falar das pessoas. Para concretizar o objetivo traçado foram realizados quatro desdobramentos que implicaram no reconhecimento das palavras como produto da comunidade salvaterrense, na observação delas nos contextos de produção, no reconhecimento das estruturas e na definição dos processos de formação.

Para tal, houve um questionamento a ser respondido, consolidado na seguinte pergunta: Como capacitar os professores de Língua Portuguesa para trabalharem com o vocabulário dos falantes locais dentro dos conteúdos exigidos para a série a ser ensinada? Para tanto, foi necessário envolver na pesquisa, os professores participantes do curso de capacitação, fazê-los verificar o uso das 109 palavras anteriormente pesquisadas, integrantes do antigo vocabulário, durante as realizações de discursos efetivadas, em específico, no ambiente familiar, na casa de parentes idosos, bem como, nas de vizinhos e amigos, para só então, estabelecer a ligação entre as palavras e suas estruturas e seus processos formadores.

Buscando esse vocabulário antigo e identificando o que ainda era usado, os pesquisadores defrontaram-se com a variabilidade da língua Portuguesa nos falares do município e com a riqueza de vocabulário que tinham a seu dispor. Ao transitar do conceito à palavra, o estudo revelou que cada termo

carrega em si uma história, uma vivência e uma visão de mundo, tornando-se, assim, um elo entre o passado e o presente da comunidade de fala.

A análise dos dados coletados revelou a persistência de termos de origem indígena, africana e portuguesa, evidenciando a complexa tessitura linguística que caracteriza a região. Além disso, foi observada a incorporação de neologismos e adaptações lexicais motivadas por transformações sociais, econômicas e tecnológicas, demonstrando que a língua é um organismo vivo e, como tal está em constante evolução. Com isso, o trabalho reafirmou a importância da pesquisa geolinguística como instrumento de valorização das línguas e culturas locais, contribuindo para a preservação da memória linguística e para o fortalecimento da identidade regional.

A pesquisa ainda evidenciou que parte significativa do vocabulário coletado em 1981 permanecia em uso, confirmando a vitalidade de termos ligados ao cotidiano da pesca e da lavoura e, também, que muitos desses vocábulos se estruturavam por processos de derivação e composição, além de metáforas e metonímias que refletiam práticas culturais locais e que, outros termos, por sua vez, revelaram adaptações fonéticas e semânticas, demonstrando a capacidade criativa da comunidade em atualizar o repertório lexical.

Os resultados da segunda pesquisa, incidiram no estabelecimento da relação entre as palavras e suas estruturas e processos formadores, permitindo, assim, a compreensão de como o léxico de Salvaterra se mantém e se transforma ao longo do tempo.

O léxico de uma comunidade linguística, além de nomear seres, objetos e coisas, pode transmitir valores de sua realidade sociocultural. Com tal perspectiva, o trabalho analisou e catalogou as palavras que denominavam partes do corpo humano, reunindo-as em um campo lexical, verificou a existência de possíveis variações e mudanças dos significados desse léxico, bem como, a variação quanto às suas estruturas internas, com o estabelecimento de uma relação com fatores extralinguísticos que possam influenciá-los.

No plano teórico, foram utilizadas as ideias de BIDERMAN (1998, 2001) sobre estudos lexicais; de COSERIU (1981 [1977]) sobre o estudo funcional do léxico e a teoria dos campos lexicais; os pressupostos teóricos de Ferdinand de Saussure sobre onomasiologia, considerado o pai da linguística moderna.

Além dos autores acima citados, foram utilizados os pressupostos teóricos inseridos nos trabalhos de GARCÍA-PAGE (2007), MORENO FERNÁNDEZ (2005 [1998] e de PENADÉS MARTINÉS (1999) sobre variação lexical, nos de LABOV (2008 [1972]) sobre a mudança lexical e de MATORÉ (1973 [1953]) e de BIDERMAN (1998, 2001), sobre a relação entre léxico, cultura e sociedade. Tais autores, considerando a diversidade linguística e cultural existente no meio social, abordam a variação da língua em diferentes aspectos, apresentando profícuos resultados em prol de um conhecimento cada vez maior acerca da língua materna, em específico, sobre a diversidade lexical em termos dos aspectos semânticos vinculados aos fatores históricos e sociais, tendo como referência as verdades em que os falantes acreditam.

Com a proposição de apresentar os resultados de duas pesquisas sobre estudos onomasiológicos, a obra está estruturada, além da introdução e conclusão sob os títulos de, respectivamente, “Do Conceito à Palavra” e “As Ponderações”, em sete tópicos. No primeiro, intitulado de “O Estado do Pará” estão inscritos dados sobre o lócus das pesquisas efetivadas; o segundo, sob o título “Variação Linguística no falar paraense”, como o próprio nome afirma aborda as questões sobre a diversidade linguística existente no Pará; o terceiro intitulado de “Desvendando o campo terminológico” apresenta informes sobre as terminologias existentes nos campos de atividade humana, trabalhados por meio de pesquisa; no quarto “Diálogo com a teoria” estão inscritas as inferências teóricas que subsidiaram o trabalho; no quinto e sexto denominados, respectivamente, de “As Pesquisas” e “Repertório”, estão inseridos informes sobre as fases executadas inerentes às pesquisas realizadas em 1918 e 1981 e os resultados alcançados incidindo na análise das palavras, no estabelecimento da relação entre as palavras e suas estruturas e processos formadores, bem como, aborda a continuidade da temática em uma outra pesquisa em andamento, institucionalizada pela Universidade do Estado do Pará em 2024, com o título de “Aspectos Lexicais e Semânticos do Português falado na Região do Marajó – Estado do Pará”, que aborda as variações lexicais à luz dos estudos da Lexicologia e da Lexicografia e objetiva a elaboração de um glossário sobre o léxico falado na região, seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos de autores da área. Seguem a este, algumas considerações e as referências.

O ESTADO DO PARÁ

O termo Pará é um topônimo⁴ oriundo do nome do rio Pará, derivado do termo “pa’ra”, com o significado de significa “rio-mar” ou “rio do tamanho do mar”, originário da língua tupi-guarani, para denominar o Rio Pará, braço direito do rio Amazonas, assim como para designar os nascidos no “rio-mar” o termo “para’wara” (parauara) utilizado pelos falantes deu origem ao gentílico “paraense”.

O estado do Pará localiza-se na Região Norte e tem por capital a cidade de Belém, antigamente, denominada de Santa Maria de Belém do Grão-Pará. É uma das 27 unidades federativas do Brasil, portadora de grande extensão territorial, distribuída entre 144 municípios, tendo em suas circunvizinhanças os estados Amapá, Roraima, Amazonas, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão, além de ter limites com Suriname e Guiana ao extremo norte.

Figura 1 - O Estado do Pará



⁴Designação de um lugar, de uma região geográfica (rio, vila, cidade, povoação, país, logradouro



Fonte: brasilecola.uol.com.br

Localizado na região Norte da América Portuguesa (atual Brasil), o estado do Pará passou por diversas reorganizações territoriais e mudanças de nomenclatura ao longo de sua existência. Em 1616, integrou a capitania do Maranhão, cujo território incluía as capitanias reais do Maranhão, Grão-Pará, Gurupá e Ceará, além de capitanias privadas, como Cumã (ou Tapuitapera), Caeté, Cametá e Cabo Norte. Em 1654, foi renomeado recebendo a designação de Estado do Maranhão e Grão-Pará, e em 1751 recebeu a denominação definitiva de Estado do Grão-Pará e Maranhão. Na década de 1770, foi desmembrado e originou duas novas unidades administrativas: o Estado do Grão-Pará e Rio Negro e o Estado do Maranhão e Piauí. Durante o período colonial, sua configuração territorial variou significativamente, incluindo, ao longo de sua existência, os atuais 144 municípios que o configuram.

Tem uma economia baseada no extrativismo mineral e vegetal, na agricultura, pecuária, indústria e no turismo e em virtude, de uma grande diversidade social e natural apresenta uma cultura regional traduzida pela mistura de ritmos e raças. Vale ressaltar que, apesar de, nos últimos anos, ter registrado um Produto Interno Bruto (PIB) alto e uma urbanização maciça em suas maiores cidades, o estado vivencia vários problemas sociais e ambientais, dentre os quais o alto índice de desmatamento, pobreza, criminalidade e educação pública precária.

O território paraense é coberto pela maior floresta tropical do mundo – a Amazônica - que abriga a Serra dos Carajás, Serra do Cachimbo e Serra do Acari. Essa grande extensão de terreno repleta de árvores abrange territórios pertencentes a nove nações, dentre elas, o Brasil, contemplado com, aproximadamente 60% da floresta, seguido pelo Peru, agraciado com 16%, ficando o restante com a Colômbia, Equador, Bolívia, Venezuela, Guiana, Suriname e a Guiana Francesa.

Vale destacar que a Amazônia representa mais da metade das florestas tropicais remanescentes no planeta e possui a maior biodiversidade existente em uma floresta tropical no mundo, na verdade é um dos seis grandes biomas⁵ brasileiros. Por efeitos de governo e economia, a Amazônia no Brasil é delimitada por uma área chamada “Amazônia Legal” definida a partir da criação, em 1966, da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM).

No Brasil, esse bioma ocupa 49,29% do território, abrangendo três regiões do país, ou seja, o Norte, Nordeste e Centro-Oeste), sendo o maior bioma terrestre do país.

Figura 2 – Floresta Amazônica



Fonte: pixabay.com

⁵ Unidades geográficas e biológicas abrangendo aspectos naturais em comum, tais como a vegetação, a composição da fauna e da flora, o relevo e o clima.

A Ilha de Marajó é uma ilha costeira do tipo fluviomarítima, banhada pelo rio Amazonas, oceano Atlântico e pelo rio Pará. Pertencente ao território paraense, situa-se na Área de Proteção Ambiental do arquipélago do Marajó, separada do continente pelo delta do Amazonas, pelo complexo estuário do rio Pará e pela baía do Marajó. Antes, foi denominada pelos indígenas de Marinatambal e pelos colonizadores de Ilha Grande de Joannes.

Seus primitivos habitantes residiam em casas de chão batido sobre palafitas⁶, com o passar do tempo levantaram suas casas, de estrutura elevada como proteção às inundações. Os habitantes, os marajoaras, dominam a arte de modelagem da argila, a produção da cerâmica marajoara e o cultivo e manejo da mandioca e a região destaca-se por ter o maior rebanho de búfalos do Brasil.

O arquipélago do Marajó é formado por dezesseis municípios, os quais distribuem-se em duas regiões geográficas imediatas, a de Breves e a de Soure-Salvaterra, as quais formam a região geográfica intermediária de Breves. A Ilha do Marajó abriga as sedes dos municípios de Santa Cruz do Arari, Afuá, Anajás, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Curralinho, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, São Sebastião da Boa Vista e Soure.

Figura 3 – Ilha do Marajó



Fonte: www.istockphoto.com

Vale ressaltar que, até 2017, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE denominava de mesorregiões a regionalização de locais que congregavam diversos municípios de uma área geográfica de

⁶ Construções erguidas sobre estacas ou pilares, muito comuns em regiões com alta umidade ou perto de corpos d'água, como rios, lagos e pântanos.

um estado brasileiro com similaridades econômicas e sociais, as quais se dividiam em microrregiões, resultado da composição de municípios limítrofes com organização espacial em comum e específica.

Salvaterra, lócus das pesquisas realizadas, nos seus tempos iniciais foi denominado de Aldeia de Jaguarari, embora de forma tradicional, tenha sido denominada de Freguesia da Vila de Salvaterra e, atualmente, simplesmente, de Salvaterra. A região foi explorada por portugueses e espanhóis, tendo sido elevada à categoria de vila em 1757, perdendo tal autonomia em 1833, quando seu território foi anexado ao de Soure. Mas, posteriormente, recuperou a condição anterior, assim permanecendo até 1930, momento em que o município foi extinto outra vez. Mas, restabelecida a municipalidade, em 29 de dezembro de 1961, por meio da Lei Estadual nº 2.460, publicada no Diário Oficial do Estado de Nº 19, obteve a incorporação ao das vilas de Joanes (antes Monforte) e Monsarás.

O território foi habitado, primitivamente, por índios da etnia Sacaca ou Aruans, um dos mais importantes grupos brasileiros em termos linguísticos, possuidores de um vasto trabalho em cerâmica, o qual se expandiu por toda a ilha do Marajó. Por volta do século XVIII, Salvaterra foi colonizado pelos jesuítas na vila de Monsarás, os quais, segundo os ditos populares, foram responsáveis pela criação do nome da cidade, pois ao explorarem o território da ilha e ver seus encantos, eles gritaram: “Salve Terra”. Eles construíram uma igreja na Vila de Joanes para a catequização dos 15 indígenas, cujas ruínas ainda existem na vila. Em 1626, com a fundação de uma casa jesuíta em Belém, foi possível a expansão missionária por diversas aldeias na região Amazônica.

Durante muitos anos, Salvaterra foi dominado pelos portugueses que escravizavam indígenas e negros em trabalhos nas fazendas, cuja resistência à dominação provocou nos escravos um processo de organização, presente até hoje no município, consolidado em oito comunidades quilombolas.

Figura 4 – Salvaterra



Fonte: [www. tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br)

O município de Salvaterra está situado na chamada Região das Ilhas, propriamente na Ilha do Marajó, antiga Ilha Grande de Joanes. Possui uma população estimada em 2019, de 23.752 habitantes, distribuídos em 918,563 km² de extensão territorial, chamados de salvaterrenses.

Localizada no Norte brasileiro, pertence à Região Geográfica de Soure-Salaterra, antes classificada como Microrregião Geográfica do Arari, na Região Geográfica Intermediária de Breves, estando a uma altitude de 5 metros do nível do mar. Seus limites são com o município de Soure, começando na ponta meridional do Lago Guajará, seguindo por uma reta as nascentes do rio Paracauari, que em “tupi-guarani significa Rio de águas profundas”, na baía do Marajó.

Salvaterra, inserido na região amazônica, apresenta significativa diversidade ambiental, sendo um local de natureza exuberante, com muitas fazendas, cercado de praias de água doce, com igarapés de águas tranquilas, como o de Água Boa, balneário escondido dentro do município e extensos campos utilizados para a criação de búfalos, tradicionalmente conduzidos por vaqueiros. Seu bioma constitui-se de savanas ou campos alagados, com a existência de ecossistemas como manguezais, apicuns e restingas, tanto que, durante as grandes águas do inverno amazônico, búfalos montados por vaqueiros são vistos passeando, pelos campos encharcados.

A cidade possui as reservas ecológicas “Mata do Bacurizal” e “Lago Caraparu”, unidades de conservação, administradas pela prefeitura do município, as quais têm por objetivo a proteção dos recursos naturais e o desenvolvimento do ecoturismo. O município possui clima equatorial, quente e úmido, com calor intenso e chuvas regulares, o qual é abrandado pelos ventos vindos das praias que o cercam, dando a ele uma feição bucó-

lica. Historicamente, sua economia esteve alicerçada na pesca, na pecuária e na exploração do coco-da-baía e, atualmente, na produção de mandioca e de abacaxi, bem como o beneficiamento desses produtos, constituem os principais eixos de desenvolvimento econômico do município

Tempos atrás, a cidade teve a pesca, a criação de gado e o cultivo do coco como base de sua economia, mas, atualmente, têm um maior desenvolvimento na área da agricultura, pois o cultivo do abacaxi passou a ter um papel de destaque na economia, tornando-se a cultura economicamente mais expressiva. Na Zona Rural, a Vila de Condeixa possui a maior produção de abacaxi, considerada como uma das maiores do Estado, talvez pelo produto produzido ser de excelente qualidade, com baixo teor de acidez e bastante suco. Mas, existem outras frutas que, também, possuem relevante importância na economia, tais como o cultivo e produção da mandioca, pupunha, açaí, piquiá, sapotilha, mangaba, manga, murici, graviola, bacuri, goiaba, cupuaçu, dentre outras. Na área da pecuária, o gado bovino e bubalino de corte e leite são criados em sistema extensivo e semi-intensivos e mantém um nível regular de exportação para a capital, mas, também, garante o abastecimento do consumo local.

O município de Salvaterra é constituído pelos distritos de Salvaterra (sede), Condeixa, Joanes, Jubim e Monsarás, além de quarenta e cinco povoados, em sua maioria localizados na zona rural.

Figura 5 – Localidades de Salvaterra





Fonte: IBGE - <https://cidades.ibge.gov.br>

Há grandes possibilidades de desenvolvimento do turismo, pois o município conta com hotéis, pousadas e albergues; a acessibilidade à região é feita por meio de lanchas, barcos e avião; a luz elétrica é proveniente de uma subestação da Empresa Equatorial; dispõe de um bom aparato, em termos de comunicação, posto que, pelo menos três das quatro operadoras de telefonia existentes, operam na cidade, viabilizando dessa forma os serviços de internet. Assim, o município encontra-se inserido no projeto em desenvolvimento voltado ao turismo no meio rural assim como, no programa PRODETUR-PA, criado pelo governo federal e desenvolvido pelo Ministério do Turismo para intermediar a captação de recursos para o desenvolvimento do setor, em prol da melhoria da qualidade de vida da população local e da promoção do desenvolvimento do turismo na região do Marajó dentro dos padrões de sustentabilidade, viabilizando recursos a serem aplicados em ações pertinentes ao produto turístico, de forma estratégica, em termos da melhoria na qualidade dos serviços prestados, na qualificação de empresários e profissionais, bem como o envolvimento das comunidades com o turismo.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO FALAR PARAENSE

A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma diversidade notável, resultado de múltiplos fatores históricos, sociais e culturais. No estado do Pará, essa diversidade se manifesta de forma singular, revelando traços linguísticos que refletem a identidade regional e os modos de vida das comunidades locais. O falar paraense, portanto, é um campo fértil para estudos sociolinguísticos, especialmente no que diz respeito à variação linguística.

O entendimento sobre variação e variável linguística segue a concepção de Tarallo (1985), que define variação como “as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” e variável como “o conjunto de variantes que se encontram em duelo de contemporização”. Essa perspectiva permite compreender que a língua não é estática nem homogênea, mas sim dinâmica e plural, marcada por escolhas que os falantes fazem em função de suas vivências e inserções sociais e fatores como região, idade, escolaridade, gênero, entre outros.

Segundo o mesmo autor, as variantes podem ser classificadas como padrão ou não padrão, conservadoras ou inovadoras, de prestígio ou estigmatizadas. Embora, em geral, a variante padrão seja associada à conservação e ao prestígio, e a variante não padrão à inovação e ao estigma, essa correlação nem sempre se confirma. Há casos em que variantes inovadoras ganham prestígio, ou variantes conservadoras são marginalizadas, evidenciando que nenhuma forma linguística é intrinsecamente boa ou ruim, correta ou incorreta. O valor atribuído a uma variante depende do contexto social e das relações de poder que permeiam o uso da língua.

Jakobson (1969) argumenta que as línguas diferem naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar. Essa afirmação reforça a ideia de que cada língua carrega consigo uma visão de mundo, moldada por fatores históricos e culturais. A terminologia, enquanto estudo dos termos, revela como os padrões de comportamento verbal aceitos por uma comunidade refletem seus hábitos, costumes e valores. Assim, o código linguístico não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um repositório de tradições e saberes.

Aubert (1993) complementa essa visão ao afirmar que o vínculo entre língua e cultura não é absoluto nem estável, mas sim dinâmico e sujeito a constantes reconfigurações. A língua, como fenômeno social e histórico, está em permanente transformação, acompanhando as mudanças nos espaços coletivos e individuais e Silva (2008) reforça a ideia ao destacar que a língua não se congela, ela é viva, pulsante, e reflete as tensões e os movimentos da sociedade.

Diante disso, estudar a variação linguística no falar paraense não apenas contribui para o mapeamento das formas de expressão locais, é reconhecer a riqueza e a complexidade das práticas linguísticas locais; é compreender que o uso da língua está profundamente entrelaçado com a identidade dos falantes e com os contextos em que vivem e é. sobretudo, valorizar a pluralidade que constitui o português brasileiro e promover o respeito às diferentes formas de expressão que coexistem em nosso território.

A variação linguística é um fenômeno natural e inevitável em qualquer língua viva. Ela se refere às diferentes formas de expressão que os falantes utilizam para comunicar uma mesma ideia, dependendo de fatores como região, idade, gênero, escolaridade, contexto social e histórico. Essa multiplicidade de formas não compromete a comunicação, mas, ao contrário, enriquece o repertório linguístico e revela a complexidade das práticas de fala de uma comunidade.

A importância dos estudos sobre variação linguística reside na possibilidade de compreender como a língua se organiza e se transforma no uso cotidiano, tanto que, os pesquisadores ao investigarem as variantes presentes em uma comunidade, podem identificar padrões, tendências e resistências que revelam aspectos culturais, históricos e identitários dos grupos sociais existentes na localidade. Além disso, tais estudos contribuem para o reconhecimento da legitimidade das formas não padrão, muitas vezes estigmatizadas, promovendo uma visão mais inclusiva e democrática da linguagem.

No campo da sociolinguística, a variação é analisada sob diferentes perspectivas, dando origem a diversos tipos:

- **Variação diatópica** (ou geográfica): refere-se às diferenças linguísticas entre regiões, como sotaques, vocabulário e construções sintáticas.

- **Variação diastrática:** diz respeito às diferenças entre grupos sociais, como classe, escolaridade ou profissão.
- **Variação diafásica:** envolve as mudanças na fala conforme o contexto comunicativo, como o grau de formalidade ou intimidade.
- **Variação diacrônica:** trata das transformações que ocorrem na língua ao longo do tempo.
- **Variação etária e de gênero:** considera as diferenças no uso da língua entre faixas etárias e entre os gêneros.

Essas variações se manifestam de forma singular, especialmente no falar paraense, que carrega marcas de influências indígenas, africanas, portuguesas e caboclas, tanto que, o léxico regional, as expressões idiomáticas, os traços fonéticos e as construções sintáticas revelam uma identidade linguística própria, que merece ser estudada e valorizada.

Refletir sobre a variação linguística no Pará é, portanto, reconhecer a riqueza cultural que permeia o uso da língua portuguesa nesse território, é entender que a linguagem é um espelho das práticas sociais e que cada variante carrega consigo uma história, uma visão de mundo e uma forma de ser no mundo.

A amazofonia ou dialeto nortista é uma variação sociolinguística regional ou geolinguística do português formal brasileiro, a qual é empregada por boa parte dos habitantes da região Norte do Brasil, dentre eles, os paraenses. O sotaque nortista é praticado pela maioria dos habitantes da região amazônica e de seus sete estados, valendo ressaltar que, segundo a Geografia Portuguesa, há 11 dialetos no Brasil, classificados como “Dialetos do Norte”, indicando que, na verdade, o sotaque português cobre a maior área do planeta.

A região norte do Brasil tem pelo menos dois sotaques de destaque. O denominado de tradicional, utilizado pela maioria dos habitantes das duas maiores cidades, Belém do Pará e Manaus, totalmente no Acre, Amazonas, Roraima e Amapá, 4 dos 7 estados da região e, parcialmente, no Pará. O outro sotaque é utilizado por aqueles que imigraram nos anos 70, bem como, os seus descendentes, a exemplo, na região sudeste do Pará, conhecida como região de Carajás, onde o sotaque é resultante de misturas de nordestino, mineiro, capixaba, goiano e gaúcho.

Figura 5 – Estado do Pará



Fonte: www.gov.br

O Pará agrupa 144 municípios, que possuem habitantes com falares diversificados, os quais, de uma maneira ou outra, acabam por se encontrar na capital, em Belém, local que abriga todos os falares do estado, pois ao tradicional falar usado na capital juntam-se os demais.

O sotaque tradicional é marcado pela correta utilização de verbos na segunda pessoa do verbo, por exemplo: “tu disseste”, “tu és”, “tu vês” “tu foste”, “tu chegaste”; do “r” e “s” como em carioca; “d” com som de “dj” e “t” com som de “tch”. É famoso, também, por ter uma pronúncia mais clara e ter o som de “l” e “li” palatalizado, como “família” (família) ou “palhito” (palito).

Para os demais brasileiros, o sotaque paraense pode soar como o dos falantes do Rio de Janeiro, entretanto, existem, pelo menos quatro diferenças fundamentais, tais como: não haver palavras gíngadas, como no sotaque carioca, o emprego do pronome “você” é formal para o paraense que prefere usar “tu”, a não troca do som do “s” pelo “r” e a preferência de ênclises a próclises, bem ao estilo lusitano.

A composição e a formação desse sotaque são explicadas pela História, pois foi em decorrência da forte colonização portuguesa na região norte, ocorrida por diversas vezes ao longo da história; da pouca influência linguística e cultural de outros povos; do fato do estado do Pará, por ter sido o último estado a reconhecer a Independência do Brasil, passando assim de português a brasileiro, porém a razão mais forte incidiu na distância entre o Pará e o resto do país, o que propiciou ao estado paraense permanecer com características mais lusitanas que nacionais, principalmente, em termos linguísticos.

DESVENDANDO O CAMPO TERMINOLÓGICO

Nos estudos acadêmicos e profissionais é de grande relevância a utilização da terminologia, ou seja, do conjunto de termos inerentes ao campo do conhecimento específico da área de estudo, haja vista que a compreensão deles facilita a comunicação entre os especialistas e, também contribui para a aprendizagem eficiente e a troca de informações.

A terminologia tem por foco o estudo e organização dos termos utilizados em determinadas áreas de conhecimento, os quais, são frequentemente específicos a um campo de estudo. Ela não se resume apenas a palavras, mas abrange também as definições e conceitos associados a elas, contribuindo para a efetivação de uma aprendizagem produtiva e troca de informações, bem como, possibilitando a comunicação de forma clara e precisa entre estudantes e profissionais.

Ela estuda, de forma sistemática, a rotulação e a designação de conceitos particulares a um ou vários assuntos ou campos de atividade humana, por meio de pesquisa, discute também os aspectos relacionados à geração de glossários e dicionários especializados, é aplicada na construção de bancos de dados, em prol do reconhecimento de termo técnico-científicos e na elaboração de suas definições.

Com tal perspectiva, é relevante a exploração do significado e da importância de alguns termos, abordando sua relevância para diferentes áreas do saber. Dentre eles: onomasiologia, semasiologia, lexicologia, semântica estrutural, dialetologia, terminologia e geolinguística

A **onomasiologia**, termo derivado do vocábulo composto do grego *onomasía* (nome)+*o+logos* (estudo)+*ia*, com o significado de um conjunto de saberes/ ciência. Em tese, é a ciência que estuda o nome; é um ramo da lexicologia que estuda os significados partindo de um conceito existente na realidade, o significado (abstrato ou concreto) e que investiga a relação entre conceitos e as palavras utilizadas para representá-los.

A. Zauner⁷ foi quem utilizou o termo, em 1903, pela primeira vez, em um estudo sobre os nomes que denominam as partes do corpo humano nas línguas românicas, Vittorio Bertoldi⁸ propôs definir onomasiologia como um aspecto particular da pesquisa linguística que, a partir de uma determinada ideia, examina as diversas formas com que essa ideia se manifestou na palavra. Para ele, o termo em linguística refere-se aos pormenores relativos ao processo da denominação, que partem da ideia para chegarem ao signo.

O estudo *onomasiológico* começou a se desenvolver no final do século XIX, com Ferdinand de Saussure, que propôs uma abordagem estruturalista para o estudo da linguagem, enfatizando a importância da relação entre o significado e o significante, mas, além dele, outros importantes linguistas, dentre eles, Roman Jakobson e Leonard Bloomfield também contribuíram para o desenvolvimento da onomasiologia, explorando os processos cognitivos que estão envolvidos na criação e na utilização de palavras.

A onomasiologia objetiva investigar como as palavras são criadas e utilizadas para representar conceitos e ideias, tentando compreender os processos cognitivos e culturais na escolha de palavras e na atribuição de significados; analisando as relações entre palavras e os contextos em que são utilizadas, procurando identificar padrões e regularidades na linguagem. Para tanto, utiliza a análise semântica para identificar diferentes significados atribuídos a uma palavra; explora a etimologia, para buscar a origem e evolução das palavras ao longo do tempo e realiza estudos comparativos entre diferentes línguas para identificar semelhanças e diferenças na representação de conceitos.

Ela contribui para a compreensão da linguagem humana e evolução da Língua e tem aplicação prática na Lexicografia por auxiliar na elaboração de dicionários e glossários, definindo e classificando palavras; nas Traduções, encontrando termos equivalentes e adequados em diferentes línguas, considerando diferenças culturais e semânticas; na Publicidade, criando nomes e *slogans* que causam impacto, transmitindo a mensagem desejada com grande eficácia. Em síntese, ela possibilita a compreensão de como ocorrem as escolhas das palavras e como são usadas para que ideias e significados sejam expressos.

⁷A. *Die Körperteile in den romanischen Sprachen*. Halle: Niemeyer, 1903. Primeiro estudo a empregar o termo “onomasiologia”, voltado à análise das denominações das partes do corpo humano nas línguas românicas.

⁸Filólogo e linguista italiano, especialista em filologia românica e estudos etimológicos

A semasiologia é o ramo da lexicologia que se dedica ao estudo das relações entre sinais e símbolos e daquilo que eles representam. Seu foco está no sentido das palavras, partindo do significante — a forma linguística — para alcançar o significado — o conceito ou ideia que essa forma expressa. Trata-se, portanto, de uma abordagem que investiga os significados atribuídos às palavras dentro de um sistema linguístico específico, considerando os contextos de uso, as variações semânticas e os processos de interpretação.

Normalmente, é estudada em conjunto com a onomasiologia, percorrendo o caminho inverso, pois, enquanto a onomasiologia parte do conceito para chegar à palavra, a semasiologia parte da palavra para alcançar os múltiplos significados que ela pode conter. Ambas, no entanto, estão a serviço da lexicologia, especialmente em termos de sua vertente histórica, que busca compreender a evolução dos significados e das formas linguísticas ao longo do tempo, e também, em sua vertente estrutural, que analisa os mecanismos internos da língua.

A semasiologia utiliza a palavra isolada como ponto de partida para desenvolver sua significação, tendo como base a polissemia — a existência de múltiplos significados para um mesmo termo — e os fenômenos de sinonímia, antonímia, homonímia e ambiguidade. Essa abordagem estabelece uma relação direta com os vocabulários organizados em dicionários, tanto os temáticos quanto os alfabéticos.

Valendo ressaltar que os dicionários por matérias agrupam os termos por campos conceituais, enquanto os dicionários alfabéticos organizam as palavras por sua forma ou som., mas ambos são instrumentos fundamentais para a compreensão da língua, pois revelam diferentes perspectivas sobre o funcionamento lexical.

A existência de um termo com diversos significados (polissemia) e de múltiplos termos para um mesmo significado (sinônimos) ilustra a complexidade da linguagem e a riqueza dos sistemas semânticos. A semasiologia, ao investigar essas relações, contribui para o entendimento dos processos cognitivos e culturais que moldam o uso da língua, permitindo a identificação de como os significados se transformam, se expandem ou se especializam, revelando as dinâmicas sociais e históricas que influenciam o léxico.

No contexto da pesquisa desenvolvida em Salvaterra, a semasiologia ofereceu subsídios importantes para a análise dos vocábulos coletados. Ao lado da onomasiologia, ela permitiu a compreensão não apenas sobre como os falantes nomeiam os conceitos, mas também, como atribuem significados às palavras utilizadas. Essa dupla abordagem enriquece a investigação lexicológica, possibilitando uma leitura mais ampla e profunda do repertório linguístico local.

Além disso, a semasiologia contribui para a elaboração de repertórios lexicográficos e terminográficos mais precisos e contextualizados, especialmente quando aplicados a comunidades de fala com forte identidade cultural. A pesquisa linguística ao considerar os sentidos atribuídos às palavras pelos próprios falantes, respeitando suas práticas discursivas e seus saberes, torna-se mais inclusiva e representativa.

Assim, semasiologia e onomasiologia, embora percorram caminhos opostos, convergem na missão de desvendar os mecanismos de nomeação e significação que estruturam a linguagem. Juntas, elas oferecem uma base sólida para os estudos lexicológicos, permitindo que se compreenda a língua em sua dimensão histórica, social, cognitiva e cultural.

A **lexicologia** é considerada como a ciência que estuda as unidades do léxico, o vocábulo com foco em seu significado, constituição com outros vocábulos da língua ou de comparação com os de outra língua, seja na perspectiva sincrônica ou diacrônica. Seu objeto de estudo é a palavra, cuja definição é bastante diversificada, ocasionando o surgimento de concepções diversas como: lexia, lexema, palavra léxica, morfema. Para Bernard Pottier, linguista francês, hispanista e americanista, o lexema é a unidade básica do léxico provida de conteúdo sêmico⁹.

Barbosa, M. A. (1990. p. 152-158) mostra que **lexicologia e lexicografia** configuram-se em duas atitudes, duas posturas e dois métodos, em face do léxico, pois a primeira se ocupa da compilação, classificação, análise e processamento do léxico, com o objetivo de elaborar dicionários enquanto a outra estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, caracterizando-se pela formulação de teorias, tendo em vista a descrição e a análise do léxico, estando também entre suas funções a análise dos processos de renovação lexical.

⁹Inerente a qualquer sistema de sinais, que sirva para transmitir o pensamento.

A lexicologia, ao longo do século XX, consolidou-se como disciplina autônoma dentro da linguística, dialogando com áreas como a morfologia, a semântica e a pragmática. Seu desenvolvimento esteve ligado à necessidade de compreender não apenas a estrutura interna das palavras, mas também os mecanismos de criação lexical que refletem mudanças sociais e culturais. Nesse sentido, a lexicologia ultrapassa o estudo isolado do vocábulo e se insere em uma perspectiva interdisciplinar, permitindo a observação de como o léxico se renova e se adapta às transformações históricas e tecnológicas.

Entre as funções da lexicologia, destacam-se a análise dos processos de formação de palavras, a identificação de empréstimos linguísticos e a investigação das variações lexicais em diferentes comunidades de fala. Tais estudos contribuem para a compreensão da dinâmica da língua e para a valorização da diversidade linguística. Além disso, a lexicologia fornece subsídios teóricos para a lexicografia, para o ensino de línguas e para pesquisas sociolinguísticas, uma vez que possibilita relacionar o léxico às práticas comunicativas e culturais dos falantes.

A semântica estrutural, teoria desenvolvida na Europa, baseia-se na fenomenologia de E. Husserl e Merleau-Ponty e na linguística de Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev. Tal abordagem estuda as relações de sentido e significado entre as palavras, dentro de um contexto, considerando os aspectos sinonímicos, antonímicos, homonímicos, paronímicos, polissêmicos, conotativos e denotativos que a palavra possa ter.

Também é denominada de lexemática, ao estudar a estrutura do conteúdo léxico¹⁰ (“significado”), estrutura mórfica, variações flexionais, classificação formal ou semântica em termos e correlação; relaciona-se à teoria do significado dentro de uma perspectiva sincrônica e diacrônica, em que a ideia de significação acontece por meio das diferenças observadas e, não só daquilo que é visto em termos de semelhanças; pode, num recorte sincrônico, voltar ao processo diacrônico que envolve a significação dos vocábulos desde a sua primeira realização.

Se a semântica estrutural privilegia a análise das relações de significado em um dado momento da língua, a semântica diacrônica, por sua vez, volta-se para a trajetória histórica desses significados, acompanhando

¹⁰ Conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade.

suas transformações ao longo do tempo. Assim, ao contrário da semântica estrutural, a semântica diacrônica, teoria desenvolvida por Michel Bréal, analisa mudanças de significado ocorridas ao longo do tempo.

Reconhecendo sempre a importância da semântica diacrônica, a semântica estrutural, sendo sincrônica, explora como as palavras se relacionam entre si e como seus significados se organizam numa estrutura linguística específica, analisando as relações de significado em um determinado momento e enfatizando a compreensão das estruturas e hierarquias de significado nas palavras e na linguagem.

A **dialetologia**, termo de origem grega (*διάλεκτος*, *dialektos*, “fala”, “dialeto”, e *-λογία*, *-logia*) surgiu das pesquisas dos neogramáticos que desejavam estabelecer as leis fonéticas, sendo sistematizada pelos trabalhos do linguista alemão George Wenker e do francês Jules Gilliéron. É o estudo da variação geográfica e sociolinguística da língua, ou melhor, o estudo científico dos dialetos linguísticos.

É um campo da Sociolinguística que estuda as variações idiomáticas baseadas inicialmente na distribuição geográfica e características associadas. Trata de tópicos como a divergência entre dois dialetos locais a partir de um ancestral comum e sua variação sincrônica, descreve comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço e lhe estabelece os limites.

É mister da dialetologia estudar o problema da inteligibilidade mútua no referente à definição de línguas e dialetos; as situações de diglossia, na qual dois dialetos são usados para diferentes funções; contínuos dialetais, os quais incluem um determinado número de dialetos parcialmente inteligíveis mutuamente, e o pluricentrismo, no qual aquela que é essencialmente uma única língua, geneticamente, existe na forma de duas ou mais variantes padrão.

A Dialetologia pluridimensional e relacional estabelece os tipos de variação linguística, considerando a questão topoestática¹¹, a faixa etária, a escolaridade, o sexo, os âmbitos diazonal, dialingual e diafásica determinados pela Dialetologia pluridimensional e relacional Vale ressaltar que as

¹¹ O termo refere-se à variação linguística determinada pelo espaço geográfico, ou seja, às diferenças de fala observadas em função da localização territorial dos falantes. É equivalente ao conceito de variação **diatópica**, que analisa como o léxico, a fonética ou a gramática se modificam conforme a região.

características gramaticais e fonológicas correspondentes a determinadas áreas foram as primeiras preocupações dos dialetologistas que, por isso, estudavam populações que viveram em determinadas regiões por gerações, assim como grupos migratórios que levaram seus idiomas a novas áreas.

Os termos diazonal, dialingual e diafásica correspondem a diferentes dimensões da variação linguística. A **Diazonal** refere-se às diferenças entre zonas geográficas, sendo semelhante ao conceito de variação **diatópica**, que analisa como o léxico, a fonética ou a gramática mudam de região para região. **Exemplo:** diferenças entre o português falado no Norte e no Sul do Brasil. A **Dialingual** refere-se às situações de contato entre línguas distintas, diz respeito às variações que surgem em contextos de contato entre línguas, envolve fenômenos como empréstimos lexicais, interferências e adaptações entre sistemas linguísticos distintos. **Exemplo:** o uso de palavras indígenas ou africanas incorporadas ao português brasileiro. A **Diafásica** refere-se às variações de acordo com o contexto comunicativo ou situação de uso, aquelas que dependem da **situação comunicativa** ou do **registro de fala**, estando ligada à adequação da linguagem ao contexto, seja o formal, informal, técnico, coloquial. **Exemplo:** um professor explicando em sala de aula (registro formal) versus conversando com amigos (registro informal).

Em resumo, “as variações **diazonais** dizem respeito às diferenças entre zonas geográficas; as **dialinguais** emergem em situações de contato entre línguas distintas; e as **diafásicas** relacionam-se às adequações da fala conforme o contexto comunicativo.”

A **geolinguística** é uma disciplina com foco no mapeamento de variantes fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas, objetivando a identificação de áreas dialetais e a oferta de um atlas linguístico que apoie outros estudos, documentando, ampla e exaustivamente, a língua oralizada em uma dada área geográfica, procurando resguardar a comparabilidade com dados mais antigos. Sua preocupação volta-se para o mapeamento, delimitação de áreas, produção de atlas linguísticos, tarefas que desempenham um papel fundamental nas práticas de pesquisas linguísticas, oriundas de uma herança histórica e surgidas da dialetologia, a partir do final do século XIX, mantendo-se até hoje, na companhia da sociolinguística.

A geolinguística constitui um campo de estudo que busca compreender a relação entre língua e espaço geográfico, tem por objetivo central a investigação a forma como as línguas se distribuem, se transformam e se mantêm em diferentes territórios, considerando tanto os aspectos históricos quanto os sociais que influenciam essa dinâmica.

Um dos principais campos da geolinguística é a chamada geografia das línguas, que se ocupa da análise da distribuição das línguas ao longo da história e do espaço. Com esse enfoque permite a identificação dos padrões de dispersão, áreas de contato linguístico e estruturas espaciais que revelam como as línguas convivem, se influenciam mutuamente e, em alguns casos, se sobrepõem ou se substituem.

Outro campo de estudo é a própria geolinguística entendida como subdisciplina da geografia. Nesse caso, o foco recai sobre os processos políticos, econômicos e culturais que afetam o status e a distribuição das línguas, tanto que questões como políticas de colonização, migrações, urbanização e globalização são analisadas para compreender como fatores externos moldam o espaço linguístico e determinam a vitalidade ou o declínio de determinadas línguas.

A geolinguística, em síntese, ajuda a entender como as línguas se espalham pelo espaço geográfico e como as características das paisagens podem influenciar a comunicação entre as pessoas. Com essa perspectiva espacial abre caminho para o estudo da **variação linguística**, uma vez que as diferenças regionais, sociais e culturais observadas na distribuição das línguas refletem diretamente nos modos de falar, nas escolhas lexicais e nas práticas comunicativas dos falantes.

DIÁLOGO COM A TEORIA

Um aspecto fascinante e curioso da língua portuguesa é sua variação, que acontece em virtude de a comunicação ser seu princípio fundamental, o que possibilita a seus falantes a execução de ajustes e combinações requeridas pelas suas necessidades comunicativas, resultando no surgimento de falares diversos, compreendidos por meio das influências históricas e regionais sobre a comunidade de fala¹², que para Tarallo (1986) é o objeto de estudo da Sociolinguística.

Para os sociolinguistas, os princípios teóricos da Sociolinguística respondem a diversidade e heterogeneidade da língua, pois objetivam a análise e sistematização das variantes linguísticas encontradas em uma mesma comunidade de fala, correlacionando aspectos sociais e os linguísticos.

A sociedade atual é caracterizada pela organização política intrínseca e pelo uso da tecnologia com fins econômicos. Nesse ambiente social encontram-se inseridos diferentes grupos sociais, principalmente em termos da educação formal, sem acesso, muitas vezes, à norma culta da língua. Nesses diferentes grupos sociais são diversas as situações de uso e as necessidades de adequação linguística.

Assim, para a argumentação deste trabalho foram utilizados como enfoques teóricos os princípios da Lexicologia, Semântica Estruturalista, Onomasiologia, Dialetoлогия, Terminologia e Geolinguística e Semasiologia. A justificativa para a escolha dessa fundamentação teórica em prol de um estudo onomasiológico, incide no fato de subsidiarem os conhecimentos sobre a relação entre o léxico e a aplicação semântica à questão social.

Sobre a noção de léxico, Jean Dubois (1973) infere que:

Como termo linguístico geral, a palavra léxico designa o conjunto das unidades que formam uma língua de uma comunidade, de um locutor etc., por essa razão o léxico

¹²Constituída por falantes que compartilham traços linguísticos, os quais distinguem seu grupo de outros.

entra em vários sistemas de oposição, conforme o modo pelo qual é considerado (p. 364)

O léxico é considerado como um sistema aberto e em expansão, universo de limites indefinidos, resultante da somatória da experiência e da cultura de uma sociedade, elemento que interfere, de forma constante, nos processos de perpetuação ou de mudanças semânticas inerentes à língua. É reservado à língua, opõe-se ao vocabulário e tem por foco a fala.

É importante ressaltar, que o conceito de palavra foi ignorado por alguns linguistas, até haver o entendimento de que não seria possível esquecer tal noção, em virtude de ser requerida como conceito base por outras noções, como a de frase, morfologia e sintaxe. Nessa perspectiva, Biderman (2011:14) lembra que o embasamento do sistema da gramática clássica no eixo palavra e frase e enuncia que o valor da palavra “deve ser comparado ao de uma moeda – o dólar, por exemplo – que oscila de país para país”.

As bases da Semântica Estruturalista incidem suas raízes nos estudos estruturalistas do mestre genebrino Saussure, com vertente relacionada à noção de estrutura e à ideia de que a definição dos elementos linguísticos é realizada em função do valor assumido na cadeia e das relações formadoras da língua. A noção saussuriana de signo linguístico traduz uma definição conceitualista, mentalista de significado, e foi criticada, sobretudo pelos empiristas, pelo fato do significado, fazer parte do plano das ideias, não sendo passível de real observação/verificação.

Para Oliveira (2008:60) “cada palavra de uma língua tem seu conteúdo semântico influenciado pelo conteúdo semântico das outras palavras dessa língua...”, afirmação corroborada por Araujo (2004):

A semântica do signo limita-se ao estudo dos traços que compõem o significado. Para Saussure, significante e significado são os dois lados da mesma moeda. É no ponto de interseção entre as cadeias sintagmáticas e paradigmáticas que o signo recebe significado. A língua prevê relações sintagmáticas, horizontais, entre os elementos que regem a construção de frases, e relações paradigmáticas entre elementos que podem vir a ocupar o lugar virtual de cada signo, em substituições verticais. O significado depende da posição que o signo ocupa e da função que exerce. Em “as meninas atravessaram a rua”, o significado de “as

meninas” provém da posição sujeito e da função nominal, e do fato de poder ser substituídos pelos signos associados a ele, como “as gurias”, “elas”, “as garotas” (substituição vertical, ocupação virtual de posição de signos que estão na memória do falante). (p. 42)

Para Babini (2006), o percurso onomasiológico abrange a intenção de dizer ao enunciado, enquanto o semasiológico caminha do enunciado à sua interpretação, ou seja, parte do discurso para chegar à compreensão.

Pela literatura circulante a prática da onomasiologia inicia, tendo como suporte os dicionários e vocabulários dialetais, sendo impulsionada pelo surgimento dos atlas linguísticos, que se configuram como uma coleção de mapas onomasiológicos. Com ela é possível o estudo da língua, cultura, instrumentos, crenças, moradias, costumes de um povo e caracterização das atividades de uma região e contextualização no tempo.

Segundo Guiraud (1980:9), o termo Semasiologia, era conhecido pelos gramáticos, desde o início do século XIX, como “o estudo das significações, sempre formado sobre o radical grego ‘sema’(sinal)”, significando a ideia de conceito, a partir da unidade lexical que o compõe.

Baldinger (1970), considerando a óptica da semântica paradigmática e estrutural¹³, estabelece os domínios dos campos onomasiológico e semasiológico e considerando-os como frutos da Lexicologia tradicional derivada da Geografia e Linguística, cujo representante foi J. Gilliéron e da Escola saussuriana, indica que existem quatro tipos de associações relacionados aos campos: núcleo semasiológico (sentido de base), plano semasiológico (sentido contextual), plano estilístico (valores sócio contextual e expressivo). Assim, referindo-se à complementaridade das estruturas, o autor afirma que:

[...] la semasiologia y la onomasiologia son, pues, puntos de vista complementarios. Este doble aspecto de puntos de vista corresponde a la doble naturaleza del signo lingüístico como forma y contenido [...] (p. 116;135;212;267;268;270).

Nos estudos postulados por Baldinger (apud MOREIRA,2010), a onomasiologia (onoma/nome) é o conjunto de sememas ligado a um só conceito, e à semasiologia (sema /signo) cabe o exame das diferentes

¹³ Também denominada lexemática, estuda a estrutura do conteúdo (“significado”) léxico. (Bechara, 2009:319)

significações e ideias contidas no plano de classificação, aos grupos de palavras. (p.116). Moreira (2010) enuncia que para o autor

a semasiologia equivale ao conceito de grupo de sememas ligado a um só significado e a onomasiologia permite deslindar entre todos os monemas, grupos de monemas, ou entre todos os meios de expressão de uma ou de várias línguas dadas, aqueles que realizam o mesmo conceito ou o mesmo sistema conceitual, aqueles que têm o mesmo valor comunicativo, e proporciona, pois, monemas que realizam o mesmo semema ou semas e a onomasiologia permite deslindar entre todos os monemas, grupos de monemas, ou entre todos os meios de expressão de uma ou de várias línguas dadas, aqueles que realizam o mesmo conceito ou o mesmo sistema conceitual, aqueles que têm o mesmo valor comunicativo, e proporciona, pois, monemas que realizam o mesmo semema ou semas (p. 116).

Nesta perspectiva, a semasiologia e a onomasiologia estudam um sistema de significações ou sememas, segundo este conjunto de significações esteja ligado a um significado/monema ou a um conceito.

Baldinger (1970) chama a atenção para a relação de representatividade entre conceito e significante. A significação parte de um significante para chegar a um conceito, a um objeto mental. Nesse sentido, cabe a Semasiologia desempenhar determinada tarefa. A denominação conduz-se de um conceito para chegar a um significante, portanto, sendo considerada como estrutura onomasiológica.

AS PESQUISAS

A caminhada aqui, descrita, compreende a retomada de informes sobre duas pesquisas realizadas pela Profa. Waldinett Nascimento Torres Pena, na cidade de Salvaterra, localizada na Ilha do Marajó, no estado do Pará. A primeira foi desenvolvida em 1981, sobre a variedade lexical existente na localidade, com foco na denominação das partes do corpo humano, funcionamento biológico e algumas doenças e a segunda, efetivada em 2018, sobre as estruturas e processos formadores dos termos formadores do vocabulário construído na primeira pesquisa.

5.1 A PRIMEIRA PESQUISA “CAÇANDO PALAVRAS”

A ideia de realizar a pesquisa surgiu em 1979, tendo como ponto de partida a participação da pesquisadora Waldinett nas aulas da disciplina Filologia Românica¹⁴, inerente à grade curricular do Curso de Letras e Artes, desenvolvidas na Universidade Federal do Pará, ministradas pela Professora Telma Maria de Carvalho Lobo, a qual foi a orientadora do primeiro projeto da pesquisadora. Assim, em épocas de férias da universidade, a pesquisadora ia à Salvaterra, momentos em que ela aproveitava para efetivar a coleta de material.

O local da pesquisa foi escolhido pelo fato de a região Salvaterra proporcionar facilidade de acomodação para a pesquisadora, haja vista ser o local de nascimento de sua família materna e ter, portanto, uma casa que se tornou a base para a realização das pesquisas.

Na época, bastante distanciada da atual, sair da zona urbana para a rural, em virtude das distâncias entre as localidades, existiam inúmeros percalços, em termos de locomoção, que era realizada via a utilização de barcos, cavalos e carroças puxadas por búfalos. Assim, diante de tal situação contextual, surgiu a necessidade de esperar a visita daqueles que

¹⁴ Disciplina incluída na grade curricular do Curso de Letras e Artes da UFPA.

moravam na zona rural à urbe, motivada por inúmeras razões, dentre elas, o recebimento de recursos referentes ao pagamento de algum trabalho desenvolvido como agricultores em terras de meia¹⁵, a realização de compras mensais de víveres ou para resolver problemas relativos ao campo ou à fazenda, dos quais tomavam conta para os respectivos donos.

Vale ressaltar que naquela época e período, todas as famílias se conheciam e o que diferenciava os habitantes de uma e outra zona, era apenas o nome das localidades e a distância entre elas, pois hábitos, costumes e falares eram os mesmos para todos, razão pela qual houve a escolha em ouvir mais as pessoas da Cidade de Salvaterra do que as residentes nas das adjacências da cidade.

Essa pesquisa, de cunho descritivo e explicativo e de abordagem qualiquantitativa, foi norteadada pela busca de traços linguísticos que pudessem retratar as formas variantes dos termos em uso pelos falantes. Com a utilização do método dedutivo, o estudo abrangeu revisão bibliográfica, reconhecimento do lócus da pesquisa, escolha dos sujeitos, aplicação de entrevista, análise das informações recolhidas ao longo das entrevistas realizadas e interpretação das falas dos informantes em seus discursos, acerca de fatos cotidianos, contação de histórias dos tempos mais antigos das pessoas e de assombrações, contexto que viabilizou a construção de um vocabulário referente às partes do corpo humano.

A pesquisa envolveu 109 sujeitos, escolhidos de forma aleatória, sendo 66 residentes na zona urbana e 43 na zona rural. Em termos de escolaridade, observou-se a predominância do 1º grau incompleto entre os 63 informantes (57,8% do total), seguido pelo 1º grau completo (24 informantes). Quanto à faixa etária, os participantes estavam distribuídos nas faixas etárias entre 16 e 75 anos, com maior concentração (27,5%) na faixa etária de 21 a 30 anos, correspondente à 30 informantes, ou seja, um quantitativo expressivo, tanto na zona rural (13) quanto na urbana (17) e com a predominância de (58%), em termos de escolaridade de 1º grau incompleto, conforme o inscrito nos quadros abaixo.

¹⁵ Terras de meia refere-se a uma forma tradicional de contrato agrário, bastante comum em regiões rurais do Brasil, em que o agricultor cultiva a terra pertencente a outra pessoa e, em contrapartida, reparte a produção obtida — geralmente pela metade — com o proprietário. Esse sistema de parceria agrícola permitia que trabalhadores sem terras próprias tivessem acesso ao cultivo, enquanto os donos recebiam parte da colheita como forma de pagamento pelo uso da propriedade.

Quadro 1 – Informes sobre os informantes

ZONAS	INFORMANTES	ESCOLARIDADE					
		ANALFABETO	ALFABETIZADO	1º GRAU IN-COMPLETO	1º GRAU COMPLETO	2º GRAU IN-COMPLETO	2º GRAU COMPLETO
URBANA	66	7	4	36	16	1	2
RURAL	43	5	3	27	8	XXX	XXX
TOTAL	109	12	7	63	24	1	2

Fonte: a pesquisadora

Quadro 2 – Informes sobre os informantes

ZONAS	IDADE						
	16 - 20	21 - 30	31 - 40	41 - 50	51 - 60	61 - 70	71 - 75
URBANA	8	17	15	8	10	5	3
RURAL	3	13	12	11	1	2	1
TOTAL	11	30	27	19	11	7	4

Fonte: a pesquisadora

Por motivos já explicitados, a opção por escolha aleatória de informantes, sem dar grande importância à faixa etária e quanto ao grau de escolaridade, FOI satisfatória, mesmo porque, o primeiro grau incompleto foi o nível de escolaridade predominante, embora, na época, já houvesse, na cidade, uma escola.

Quase todos os informantes do sexo masculino trabalhavam no roçado, na despesca de currais¹⁶, no labor das fazendas ou nos barcos de pescaria, enquanto as mulheres adultas dividiam o seu tempo entre a criação dos filhos, os afazeres domésticos e a labuta do roçado.

¹⁶ Refere-se à prática tradicional de retirada dos peixes de um curral de pesca, estrutura fixa construída em áreas de várzea ou no mar, geralmente com estacas e redes, destinada a capturar e manter os peixes até o momento da coleta. A despesca consiste, portanto, na ação de recolher os peixes aprisionados, atividade que integra o ciclo produtivo da pesca artesanal e que possui relevância cultural e econômica em comunidades ribeirinhas e litorâneas.

Como todos os interioranos daquela época, os informantes entrevistados ficavam à porta para tomarem a fresca e que se punham a contar “os causos”, ficando disponíveis para responderem às perguntas inerentes ao roteiro de entrevista da pesquisa, cujos resultados foram gravados e depois transcritos para a composição de uma lista de palavras que denominavam as partes do corpo humano.

Vale ressaltar que o roteiro das entrevistas foi elaborado com foco na identificação das denominações populares, atribuídas às partes do corpo humano. Para tanto, continha uma lista organizada dessas partes, que servia como guia durante as conversas com os informantes.

A pesquisadora utilizou, em alguns momentos, imagens ilustrativas como recurso de apoio, apontando para regiões específicas — como a clavícula ou o peito — e solicitando a nomeação correspondente. Em outras situações, recorria a exemplos cotidianos, como a ausência dos dentes da frente, para estimular a resposta espontânea dos entrevistados. Esse formato, de combinar perguntas diretas com estímulos visuais e contextuais, oportunizou maior precisão na coleta dos termos, o que favoreceu a construção de um vocabulário representativo dos falares locais.

Os resultados da primeira investigação resultaram na construção de um vocabulário, alocado logo a seguir, constituído por 103 vocábulos, referentes às partes do corpo humano, com os devidos significados nominados pelos 109 entrevistados, seguidos pelos quantitativos de ocorrências e aos termos inclusos nos falares dos habitantes de Salvaterra, como também, do possível processo pelo qual foram formadas.

A pesquisa abrangeu cinco fases, ou seja, levantamento das palavras a serem estudadas, a busca em dicionários dos significados das palavras coletadas, a verificação, em termos quantitativos, da utilização das palavras no falar dos habitantes de Salvaterra, a busca sobre as explicações lógicas para a utilização por meio de analogias, de repetições de onomatopéias etc., a descrição das palavras de acordo com a explicação encontrada.

VOCABULÁRIO

A – a

Abdômen. Abdômen (5), apente (4), baixo ventre (1), pente (99)

Alto da cabeça. Alto da cabeça (5), cabeça (4), cachola (3), casco (1), centro de cabeça (2), coco (13), coco da cabeça (12), cocoruto (1), cocuruto (8), crânio (1), cromo (2), cromo da cabeça (51), cuca (1), cucuruto (3), miolo (1).

Anus. Anus (7), bumbum (17), cu (65), orifício (3), reto (18)

Ausência da audição. Moco (32), surdo (77)

Ausência da fala. Mudo (109)

Ausência de barba. Caboclo (3), imberbe (1), liso (1), pelado (100), sem barba (3)

Ausência de cabelo. Careca (99), pelado (10)

Ausência de dentes. Banguela (27), boca de velha (3), boca de velho (1), desdentado (78).

B – b

Baço. Baço (103), dor de veado (6)

Barriga da perna. Batata da perna (109)

Barriga grande. barriga grande (1), barriga quebrada (53), barrigudo (55), estomagudo (1), pançudo (1)

Bexiga. Balão de mijo (4), balão de urina (2), bexiga (101), depósito de urina (1), saco de urina (1)

Bílis. Bílis (109)

Bócio (papada). Bócio (1), quebradura (108)

C – c

Cacoete. Sistema (109)

Caixa torácica. Peito (108), tórax (1)

Calo. Calo (109)

Canais por onde corre o sangue. Veia (109)

Canhoto. Canhoto (107), contra Deus (2)

Cérebro. Cérebro (3), miolo (106)

Cheiro das axilas. Catinga (37), cheiro de suor (1), fedor de suor (1), inhaca (62), mau cheiro (1), pixé (3), Raimundinha (1), sovaqueira (1), xexeu (2)

Cheiro dos pés. Chulé (109)

Cocegas. Cosca (109)

Colapso ou síncope cardíaca. ataque cardíaco (2), ataque do coração (1), cardíaco (1), colapso (86), infartado (1), infarte (18)

Cicatrizes. Arranhão (1), cicatrizes (4), marca (101), sinal (3)

Cílios. pestanas (109)

Corcunda. Camelo (1), carcunda (1), carcundo (5), corcunda (7), corcundo (3), cupim (24), lombinho (41), mochila (27).

D – d

Dedo grande do pé. Dedão (109)

Dedo da mão - Anelar. Anelar (88), saramujinho (19)

Dedo da mão Médio. Dedão (1), dedo do meio (1), médico (3), médio (96), pai de todos (1), popular (7)

Dedo da mão Mínimo. Dedinho (1), mindinho (9), minguinho (93), mínimo (6)

Dedo da mão Indicador. Fura-bolo (1), indicador (105), mostrador (1)

Dedo da mão Polegar. mata-piolho (1), pescador (1), polegar (105)

Dentes da frente. Incisivos (109)

Dente estragado. Boca podre (1), carabota (1), dente estragado (32), dente podre (57), panela (15), panela furada (1), panelão (3)

Destro. Certo (22), direito (108)

Doença da pele. Alergia (2), brotoeja (1), cobrelo (18), cravo (7), curuba (6), curubuçu (1), doença da pele (25), doença de titinga (1), espinha (10), impigem (7), lepra (2), mancha (12), pano branco (35), pano preto (19), pereba (3), roxura (16), Sapiranga (1), sarda (3)

Doenças mentais (nome genérico). Débil mental (1), doenças da cabeça (64), doenças da cuca (2), doenças mentais (1), doente do miolo (1), doente mental (1), doidera (2), doidice (14), doido (3), doido da cabeça (3), fraqueza na cabeça (1), fraqueza no cérebro (4), lelê (1), leso (5), louco (2), maluquice (1), psico (1), retardado (1), tonteira (1)

Doenças nervosas (nome genérico). Doença do nervo (18), doença nervosa (1), fraco dos nervos (6), nervosice (3), nervosismo (5), nervoso (75), neurótico (1),

Doença nos pulmões. Bronquite (1), doença do peito (1), fraqueza do peito (65), fraqueza nos pulmões (4), mal do peito (2), tuberculose (36).

Doenças venéreas. Doença do mundo (109)

Dores musculares. dor no corpo (84), dor no músculo (25)

E – e

Eructação. Arroto (109)

Espirro. Espirro (109)

Estômago. Estomago (109)

Estrabismo. Cegueré (1), vesgo (86), vesgueta (21), zarolho (1)

Expectoração. Escarro (109)

F – f

Face. Cara (2), face (1), rosto (106).

Fanhoso. Fala pelo nariz (1), famfifom (7), fanho (9), fanhoso (11), fonfom (82) 94.

Ferida. Ferida (107), ferimento (1), pereba (1)

Fezes. Bosta (5), cocô (102), merda (2)

Fígado. Fígado (109)

Flatulência. Peido (50), pum (1), vento (58)

G – g

Gagueira. Gago (109)

Garganta. Garganta (24), goela (85)

H – h

Hemorroidas. Hamorródia (1), hamorróide (1), hemorroida (35), hemorróide (12), hemorródia (1), morrodá (1), morródia (5), morródica (4), mor-

róida (6), morróide (2), morróidica (1), morruda (1), murródia (1), murrudá (37), murrudá de sangue (1), murrudê (1)

I – i

Impotência sexual. Falta tesão (11), fraqueza no membro (1), impotência sexual (1),

não dá mais (2), não dá mais pra mulher (5), não dá pra nada (1), não levanta mais (2), não pode mais lembrar (1), não pode mais pra mulher (1), não presta mais pro serviço (1), não regula pra mulher (4), não se importa mais com mulher (1), não tem mais força no membro (2), não tem mais poder pra mulher (5), não tem mais pra mulher (3), não tem mais tesão (11), não tem poder pra mulher (1), não tem potência (1), não tem tesão (1), parar de pingar (1), sem força no membro (2), sem poder pra mulhe (2), sem potência (11), sem tesão (51), sem tesão no pau (1)

Intestinos. Intestinos (109)

L – l

Lábio partido. beijo cortado (4), beijo fendido (5), beijo rachado (2), bicinho (1), defeito de chave (1), doença de chave (1), lábio cortado (1), lábio com fenda (7), lábio fendado (2), lábio leporino (1), mal de chave (86)

Lábios. Beijos (91), lábios (17)

Língua presa. Língua pregada (105), língua presa (6)

M – m

Mau hálito. Mau hálito (109)

Movimento do coração. Baque (55), compasso (1), palpitação (5), palpitar (34), palpite (3), pulsar (1), tique-taque (10)

N – n

Narinas. nariz (109)

Nome dos dentes (presas). Caninos (109)

Nome dos dentes (queixais). Molares (109)

Nome dos ossos. Canela (96), fio da canela (13), clavícula (cravícula) (1) e (saboneteira) (108), femur - osso da coxa- 109.

Nuca. cangota (1), cangote (104), nuca (4).

O – o

Orelhas. orelhas (109)

Ovula. Campainha (109)

P – p

Palato duro. Céu da boca (109)

Pálpebras. capela (11), capela dos olhos (19), pálpebras (8), papela (11), papela dos olhos (18), pele dos olhos (1).

Partes pudendas (feminina). barata (24), bichinha (2), chana (12), chirica (1), chita (1), cocota (7), lanho (4), negócio (1), partes (12), pechereca (2), perereca (2), periquita (12), quita (109), rosa (12), roseta (1), xibiu (1), ximbita (1), ximbiu (2), xoxota (11).

Partes pudendas (masculino). Anzol (1), arma (1), bimbim (4), cabeça (1), cacete (6), coisa (2),coisão (2), madeira (3), manjuba (1), marra (4), mastro (2), membro (9), negócio (9), papaco (2), partes do homem (2), pau (11), peia (2), peru (2), picolé (1), pimba (1), pinto (17), piroca (6), piromba (3), pomba (16).

Pelos pubianos. Barbadinho (12), barbado (9), barbinha (3), cabelo (5), cabelo das coisas (1), cabelo de baixa (8), monte de cabelo (2),

Perturbações digestivas. A mãe do corpo dá agonia no estômago (1), ardume no estômago (1), asia (11), cólica (4), dor no estômago (1), empacamento (66), empacho (23), enguio (3), enjoo (1), má digestão (1), mal estar (11), vento no estômago (1), montinho (2), pentelhos (67)

Perturbações intestinais. Aguado (1), caganeira (4), desarranjo (1), desintéria (13), desmancho (37), diarreia (37), dor de barriga (1). Pirrique (13)

Prisão de ventre. Prisão de vento (5), prisão de ventre (104)

Pescoço. Pescoço (109)

Pessoa que não tem um olho. caolho (28), cego (4), cego dum lado (7), cego dum olho (11), cegueta (4), ceguere (10), defeituoso (3), mirolho (42)

Pessoa que não tem orelhas. aleijado (6), defeituoso (5), orelhinha (2), troncho (94)

Pescoço longo. galo teso (17), pescoço comprido (2), pescoço de garça (53), pescoço de garrafa (39), pescoço de girafa (7), pescoço grande (1), pescoço longo (1), pescoçudo (2).

Pessoa que não tem braço. Aleijado (59), braceta (2), cotó (55), defeituoso (1), toco (1)

Pessoa que não tem mão. Aleijado (66), cotó (8), cotó da mão (1), defeituoso (1), defeituoso da mão (1), fulano não tem mão (1), maneta (30), sem mão (1)

Pessoa que não tem uma perna. Aleijado (37), pernetta (72)

Pessoa que tem defeito no caminhar. Aleijado (2), cambaio (11), cambeta (10), cambo (1), cambota (5), capenga (5), coxo (32) coxó (22).

Pessoa que não tem os dentes da frente. Banguela (53), desdentado (7), sem dente (1), trave sem goleiro (47)

Pessoa que tem o peito proeminente. Peito de passarinho (1), peito de pombo (92), peito inteiro (1), peito quebrado (15)

Pomo-de-adão. gogó (32), nó (36), nó da garganta (21), nó da goela (2), nó do pescoço (3), nó na garganta (8), sinal de homem (18)

Pulmões. Pulmões (109)

R – r

Rim. Rim (109)

S – s

Secreção nasal. Catarro (109)

Seios. Peito (17), peito de mulher (1), pituca (1), seios (90)

Sinal do rosto (pinta). Sarda (1), sinal (99), pinta (9)

Sobrancelha. Sobrancelhas (109)

T – t

Testa. Testa (109)

Tipos de cabelos. Liso (109), aborrecido (1), agarradinho (5), agarrado (14), cabelo de cocô de rolinha (2), cabelo de palha de aço (2), cabelo de pimenta do reino (2), crespo (109), encaracolado (1), moita (2), ninho de japim (2), ondedado (1), ondenado (1), ondulado (14), pixaim (68), xenhenhem (6), xirimpimpim (10), xixinto (6).

Tosse (tipos). Crônica (1), de asma (2), de bronquite (3), de cachorro (53), de cansaíra (1), de fraqueza (40), de fraqueza do peito (3), de gripe (49), de guariba (94), de sarampo (17), de tuberculose (3), do peito fraco (2), malandra (1), malvada (1)

Tornozelo. Mocotó (90), rejeito (7), tornozelo (12).

U – u

Umbigo. Imbigo (14), umbigo (95)

Unha encravada. Unha encravada (109)

Urina. Mijo (17), urina (46), verter água (12), xixi (34)

V – v

Vomitar. Baldear (39), lançar (43), vomitar (37)

5.2. A SEGUNDA PESQUISA “GUARDANDO PALAVRAS”

O título dado a essa pesquisa justifica-se pelo fato de que seu propósito central foi preservar, organizar e analisar o conjunto de vocábulos recolhidos na primeira investigação, realizada em 1981, garantindo que essas palavras — tão representativas do falar salvaterrense — fossem devidamente registradas, descritas e compreendidas em seus processos de formação. Assim, “guardar palavras” significa, aqui, salvaguardar a memória linguística de uma comunidade, assegurando que seu patrimônio lexical não se perca com o tempo.

Pelo interesse em aprofundar o estudo das formas variantes identificadas na primeira pesquisa, esta segunda etapa voltou-se para a análise das estruturas e dos processos de formação dos termos que compõem o vocabulário das partes do corpo humano utilizado pelos habitantes de Salvaterra. O objetivo foi compreender como esses vocábulos se constituem, quais mecanismos linguísticos os originam e que motivações culturais e cognitivas sustentam suas denominações.

Essa pesquisa, de cunho descritivo e explicativo, de abordagem qualiquantitativa, foi norteadada pelo interesse em buscar traços linguísticos que pudessem retratar as formas variantes dos termos em uso e capazes de revelar os modos de nomeação empregados pelos falantes. Com a utilização do método dedutivo, o estudo abrangeu:

- revisão bibliográfica;
- reconhecimento dos lócus da pesquisa;
- seleção dos sujeitos;
- aplicação de entrevistas;
- análise das informações coletadas;
- interpretação das falas dos informantes em seus discursos espontâneos.

As entrevistas retomaram conversas sobre fatos cotidianos, lembranças dos tempos antigos e narrativas de assombrações — um contexto discursivo que, mais uma vez, favoreceu a emergência natural dos termos em uso. Esse procedimento possibilitou a identificação dos processos morfológicos, semânticos e motivacionais que explicam a formação dos vocábulos recolhidos anteriormente.

Dessa forma, a segunda pesquisa teve como finalidade descrever e interpretar os mecanismos que estruturam o vocabulário salvaterrense referente às partes do corpo humano, permitindo compreender não apenas quais palavras são usadas, mas por que e como elas se constituem no repertório linguístico da comunidade.

A segunda pesquisa envolveu 12 professores de Língua Portuguesa, participantes do curso de capacitação e atuantes no município, lócus da pesquisa, com a tarefa de entrar em contato com os antigos informan-

tes e/ou com descendentes daqueles que foram os sujeitos da pesquisa anterior e 80 informantes, remanescentes e/ou descendentes dos sujeitos entrevistados na primeira pesquisa, sendo (52) moradores da zona urbana do município e (28) da zona rural, inseridos na faixa etária entre 17 e 80 anos. Dentre eles, 10 não tinham nenhuma escolaridade, apesar de saberem assinar o próprio nome; 20 entrevistados com o fundamental incompleto; 10 moradores com o fundamental completo; 20 com ensino médio incompleto; 10 com ensino médio completo, 5 com nível técnico completo e 5 com nível superior (licenciaturas).

Quadro 3 – Escolaridade dos informantes

ZONAS	INFORMANTES	ANALFABETO	FUNDAMENTAL		MÉDIO		NÍVEL TÉCNICO	NÍVEL SUPERIOR
			INCOMPLETO	COMPLETO	INCOMPLETO	COMPLETO		
URBANA	52	2	10	7	15	10	4	4
RURAL	28	8	10	3	5	0	1	1
TOTAL	80	10	20	10	20	10	5	5

Fonte: a pesquisadora

Quadro 4 – Idade dos informantes

ZONAS	IDADE						
	17 - 20	21 - 30	31 - 40	41 - 50	51 - 60	61 - 70	71 - 80
URBANA	8	14	12	8	5	3	2
RURAL	4	8	6	5	3	1	1
TOTAL	12	22	18	13	8	4	3

Fonte: a pesquisadora

Embora o município de Salvaterra tenha crescido nesses 37 anos, não houve grande modificação no que tange à forma como os ilheus se relacionam, ou seja, as famílias se conhecem e guardam memórias e recordações

dos antigos moradores, hoje, mortos ou com idade avançada, tanto que, sabem quem é filho ou neto de quem, reconhecem os nativos e os não nativos, bem como, suas e posições na sociedade local.

Os sujeitos dessa pesquisa abrangeram os (71) alunos integrantes de duas turmas do 7º ano, uma funcionando no turno matutino com 35 alunos e outra no turno vespertino com 36 alunos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Oscarina Santos. Tal escolha foi motivada pelo fato de os alunos estarem vivenciando estudos sobre a Estrutura e Processos de Formação de Palavras, importante suporte para auxiliá-los na tarefa de, a partir das palavras utilizadas em seu meio familiar e social, estudar estruturas e processos de formação dessas palavras, com o intuito de demonstrar a valorização dos falares do e seu lugar de sua origem, ao mesmo tempo, em que aprendem o referido assunto

A escolha da tarefa de verificar, entre os docentes, o estabelecimento da relação entre as palavras e seus processos de formação foi motivada por dois fatores principais. Primeiramente, os alunos — sujeitos da pesquisa — já estavam trabalhando conteúdos relacionados à estrutura e ao processo de formação de palavras e, também, porque os professores haviam elaborado projetos de aulas de Língua Portuguesa para diferentes séries da escola, a partir do curso “Projetos para a sala de aula”, que visava capacitá-los por meio da elaboração de projetos e oficinas ministradas pela professora Waldinett Torres. Em segundo lugar, devido aos conteúdos desenvolvidos integrarem o currículo previsto no ano de 2018, para as turmas de 7º ano, o que reforçou a pertinência da investigação.

A pesquisa de campo foi realizada em cinco dias, tendo como coletores de dados, as duplas de professores que participavam do curso de capacitação envolvendo 80 pessoas como informantes, entre homens e mulheres, dentro da zona urbana e adjacências, locais de moradia de antigos informantes. Assim, caracterizou-se pela aplicação de uma abordagem qualitativa e quantitativa e pelo uso da técnica direta de coleta de dados, com o apoio da realização de observações e entrevistas.

Nos momentos de observação, os professores-pesquisadores concentraram-se na fala espontânea dos informantes, que constituía o objeto central do estudo. O procedimento consistia em acompanhar as conversas cotidianas e registrar em quais contextos frases apareciam as palavras

previamente listadas no roteiro da pesquisa. Assim, era verificado, não apenas se os termos eram conhecidos, mas, também, se eram efetivamente utilizados no discurso real dos sujeitos.

Para isso, era anotado a frase completa em que a palavra surgia, o tipo de situação comunicativa em que ocorria (narrativas de causos, relatos de experiências, descrições de fatos cotidianos) e a frequência com que era empregada. Esse método permitiu confirmar a vitalidade dos vocábulos na comunidade, distinguindo entre palavras que permaneciam em uso ativo e aquelas que apareciam apenas como lembrança ou referência cultural.

Durante a observação, quando um informante narrava um “causo” sobre sua infância, mencionou: *“Naquele dia eu caí e machuquei a “sabonetera” fiquei sem poder levantar o braço por semanas”* Nesse momento, os pesquisadores anotaram a frase completa, destacando o uso espontâneo do termo “sabonetera” em lugar de **clavícula** em contexto frasal. Em outra situação, ao relatar uma história de assombração, um informante comentou: *“Ele se apareceu com o peito muito grande, parecia peito de pombo”* Esse registro confirmou o uso da expressão em lugar de **peito proeminente** como denominação popular. Esses exemplos demonstram como as palavras previamente listadas eram efetivamente empregadas no discurso cotidiano, validando sua presença ativa no vocabulário da comunidade.

Alguns coletores optaram por gravar as entrevistas realizadas com os informantes e, posteriormente, procederam à transcrição integral das falas. Esse material foi reunido em relatórios de observação, que poderiam ter enriquecido de forma significativa a análise. No entanto, grande parte dessas transcrições acabou não sendo utilizada, em virtude de a maioria dos pesquisadores ter se esquecido de solicitar autorização formal aos entrevistados para o uso das gravações. Essa limitação metodológica reduziu o aproveitamento dos registros, restringindo a análise às anotações autorizadas e às observações diretas.

Apesar dessa restrição, foi possível identificar padrões relevantes no uso do vocabulário. Foi observado que, em residências cujos moradores tinham mais de 60 anos, as palavras listadas na primeira pesquisa permaneciam vivas no falar cotidiano da família, funcionando como marcas de memória linguística. O mesmo fenômeno foi constatado entre os habitantes

de sítios mais afastados do centro urbano, onde a preservação dos falares tradicionais se mostrou mais evidente, revelando a força da oralidade e da tradição cultural na manutenção do léxico local.

A coleta do novo material ocorreu a partir das 109 palavras coletadas na primeira pesquisa e inseridas nas entrevistas realizadas, por meio de novas perguntas, para que os professores pudessem fazer a verificação, via perguntas do tipo...” A senhora/ O senhor sabe me dizer o que significa tal palavra? Como e quando é usada? Há outra palavra que pode ser usada para a mesma parte do corpo humano? Qual é ou quais são? Quando a palavra era estranha em demasia até mesmo para os pesquisadores, foi-lhes recomendado que procurassem saber mais sobre a palavra, quem a disse, como a disse, por que o fez?

Foi verificado então, que a quantidade de palavras do vocabulário, fruto da coleta efetivada na antiga pesquisa, que subsistiram ao tempo, sendo bastante significativa. Tais palavras, juntadas às novas, recolhidas pelos professores nas entrevistas, possibilitou a compreensão dos mecanismos que permitem passar do conceito à palavra e vice-versa

Ao entrar em contato com os informantes, foi observado que uma constância vocabular semelhante e, às vezes, igual a da antiga pesquisa, o que direcionou a elaboração da hipótese de que, embora os falantes locais pudessem ter sido influenciados pelos acontecimentos ocorridos durante o período de 37 anos, corroborando com o que já era esperado, ou seja, o falar dos habitantes manteve-se fiel às palavras e expressões antigas, fosse por pronunciá-las ou por entendê-las, justificando o uso. Daí o uso do método indutivo, para procurar no particular, respostas que confirmassem a generalização da hipótese levantada.

De posse dos dados coletados, foi verificado que, das 109 palavras apresentadas na primeira pesquisa, 64 permaneceram em uso, resistindo ao tempo e sendo empregadas da mesma forma que outrora. O aspecto mais relevante, entretanto, foi a constatação de que todas as denominações referentes aos órgãos genitais masculino e feminino continuam presentes no vocabulário cotidiano, demonstrando a vitalidade desses termos na oralidade local.

Aliado a essa permanência, foi identificado o surgimento de 25 novas denominações para os órgãos genitais, tanto masculinos quanto

femininos. Esse fenômeno pode ser explicado pela tendência das comunidades em criar e recriar vocábulos em campos semânticos considerados sensíveis ou tabu.

A linguagem popular, marcada pela criatividade e pela metáfora, recorre a comparações com elementos da fauna, da flora e do cotidiano (como *curicaca*, *socó-boi*, *frutinha*, *marmita*, *jararaca-do-norte*), produzindo eufemismos que suavizam ou tornam lúdico o discurso sobre sexualidade. Além disso, a transmissão oral entre gerações e a necessidade de renovar expressões para manter a comunicação dentro de grupos sociais contribuem para a constante ampliação desse léxico. Assim, o campo semântico dos órgãos genitais revela-se como um dos mais férteis em variação e inovação linguística, refletindo tanto a cultura local quanto os mecanismos universais de criação lexical.

Dessa forma, foi demonstrada a **Resistência lexical** pelas palavras que permanecem, a **Produtividade lexical** pelo surgimento de novas palavras, a **Justificativa acadêmica** via tabu¹⁷, metáfora, criatividade popular, transmissão oral,

Pela quantidade expressiva de palavras relativas aos órgãos genitais masculino e feminino encontrados como resultado do levantamento de dados, ocorreu a preferência por estudar e refletir acerca desse material a fim de que se construísse um repertório passível de análises. Assim, primeiramente, dentre as 109 palavras coletadas, contando com as repetições, foram escolhidas 25 delas, inerentes às palavras nominativas dos órgãos genitais dos seres humanos sendo 14 inerentes ao órgão feminino e 11 referentes ao órgão masculino, conforme o quadro abaixo:

¹⁷ O *tabu linguístico* refere-se à restrição social ou cultural no uso de determinadas palavras consideradas impróprias, ofensivas ou delicadas, especialmente em campos semânticos ligados à sexualidade, morte, religião ou doenças. Para contornar essas restrições, os falantes recorrem a eufemismos, metáforas e expressões criativas, que suavizam ou disfarçam o termo original. Esse processo resulta na constante renovação lexical, como se observa nas denominações populares para os órgãos genitais, em que a linguagem metafórica (fauna, flora, objetos cotidianos) funciona como estratégia de preservação cultural e de adaptação comunicativa.

Órgão genital feminino

1- Arapapá **Arapapá**

O arapapá é uma ave Pelecaniforme da família Ardeidae. Também conhecido como savacu, colhereiro, arataiá, arataiaçu, socó-de-bico-largo (Piauí), tamatiá e tamatião (Pará).

Nome Científico Seu nome científico significa: do (latim) *coclearius*, *cocbearium* = colher. ⇒ **Ave colher**.

Características:

O arapapá é uma ave crepuscular singular, não sendo possível confundi-lo com qualquer outra ave devido ao seu característico bico largo e poderoso, que lembra um barco virado de cabeça para baixo. É uma ave atarracada e de porte médio, que mede entre 45 e 53,5 centímetros de comprimento e pesa entre 503 e 770 gramas (Martínez-Vilalta, 1999). Apresenta uma coroa preta com a testa e a face brancas. Caso seja visto frontalmente, impressiona o branco puro da fronte e do pescoço anterior. As asas são cinzentas. As longas penas lanceoladas da região occipital formam uma conspícua crista preta. A parte superior das costas apresenta uma coloração escura que contrasta com a cor cinzenta das demais partes superiores. Alto dorso atravessado por uma faixa negra que pouco dá na vista. O peito é claro apresentando uma tonalidade ligeiramente acastanhada, já o ventre e o criso são de coloração camurça. Os flancos do ventre apresentam penas pretas. O bico é preto com uma leve tonalidade amarelada na base da mandíbula inferior. Apresenta uma pequena mancha amarelo-esverdeada na parte superior da maxila que se origina na porção distal e atinge a região do encontro com a testa branca. Os olhos grandes e salientes, sugerindo atividades crepusculares, abrigam íris de cor marrom escuro, contrastando com as lores e pele orbital de coloração cinza; quando iluminados à noite produzem um reflexo alaranjado. As pernas são esverdeadas. A bolsa gular, visível apenas quando expandida, apresenta variação na coloração de acordo com a região: é amarelada na Venezuela, cinza fosco amarelado no Panamá e muito distintamente rosa no Brasil. Quando em repouso na escuridão, descansa a cabeça sobre o peito. Os sexos são idênticos, porém os machos têm uma crista mais desenvolvida. Os jovens apresentam a coloração da asa marrom. Suas partes inferiores são brancas com uma leve tonalidade rosa pálido ou amarelo pálido. A crista dos jovens é menos proeminente do que a dos adultos. Segundo Dickerman, os jovens da espécie passam por seis tipos de plumagens intermediárias antes de adquirir sua plumagem final.

2- Caieira - **cai-ei-ra** (*deriva de cal*)

Substantivo feminino

No falar do Marajó, caieira é a denominação popular atribuída à vulva, utilizada pelos falantes como termo corrente para se referirem ao órgão genital feminino.

1. Forno de calcinar pedras calcárias ou ostras para obtenção de cal.
2. Fábrica de cal.
3. Forno ou fogueira em que tijolos são cozidos.
4. Monte de lenha/fogueira em festas populares.
5. Em alguns contextos regionais, também pode se referir a sambaqui ou carvoeira.

3 Frutinha - **fru-ta**

(latim *fructa*, plural neutro, com valor coletivo, de *fructus*, -us)

substantivo feminino

1. Conjunto de frutos comestíveis.
2. Fruto comestível.
3. [Brasil, Informal] Aguardente de cana. = CACHAÇA

adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino

4. [Brasil, Informal] - Diz-se de ou homossexual masculino (ex: você sabia que ele era tão fruta? O cara é um fruta?).

“**frutinha**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/frutinha> [consultado em 31-05-2020].

4. **Ga-ve-ta** |ê|

substantivo feminino

1. Cada uma das caixas corrediças que se embebem nos móveis e servem para encerrar .objetos.
2. [Mecânica] - Peça que faz a distribuição do vapor para os extremos do cilindro.
3. [Gíria] - Prisão.
4. [Brasil] - Pontapé.

“**gavetinha**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/gavetinha> [consultado em 31-05-2020].

5-Janela, ja-ne-la |é| - (latim vulgar *januella*, diminutivo de *janua*, *ae* – porta, entrada)

substantivo feminino

1. Abertura feita em parede ou telhado de uma construção, para deixar entrar claridade e ar.
2. Moldura geralmente móvel, de madeira ou metal, envidraçada, que serve para tapar essa abertura.
3. Abertura semelhante, em veículos, que possibilita visibilidade e ventilação.
4. Abertura, geralmente revestida de material transparente, em envelope ou embalagem, para se poder ver o que está dentro.
5. [Informática]- Num ecrã, área, geralmente, retangular que permite visualizar um conjunto de informações ou elementos gráficos diferentes do que está visível no resto do ecrã.
6. [Tipografia] Num texto impresso, espaço deliberadamente deixado em branco ou resultante de falha de impressão.
7. [Geologia] Falha provocada por erosão.
8. [Informal] Qualquer buraco ou rasgão, especialmente na roupa e no calçado.
9. [Informal] Período de tempo livre entre dois períodos ocupados. = INTER-VALO

“**janela**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/janela> [consultado em 31-05-2020].

6. Jardim, jar-dim

(francês *jardin*)

substantivo masculino

1. Terreno onde há plantas de adorno.
2. [Figurado] Território bonito e fértil.
3. Pessoa muito enfeitada com flores.
4. [Marinha] Corredor da popa.

“**jardim**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/jardim> [consultado em 31-05-2020].

gavetinha, derivação fem. sing. de gaveta

7- Marmita | s.f. mar·mi·ta

substantivo feminino

1. Panela.
2. Lata do rancho militar.
3. [Portugal, Informal] Cabeça (ex.: *encho-lhe a marmita de porrada; mas vocês estão bem da marmita?!).* = TOLA
4. [Popular] Rameira que dá dinheiro a um rufião.
5. [Brasil] O ventre.

“**marmita**,” in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/marmita>, [consultado em 31-05-2020].

8- Mina, mi·na ¹

(francês *mine*)

substantivo feminino

1. Veio ou depósito natural de minérios. = JAZIDA
2. Conjunto de trabalhos realizados para extrair esses minérios.
3. Galeria construída para fazer esses trabalhos.
4. Nascente de água.
5. Galeria estreita para trazer subterraneamente a água de uma nascente.
6. Fonte de riquezas.
7. Negócio lucrativo.
8. Preciosidade.
9. Tesouro oculto.

“**mina de ouro**,” in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/mina%20de%20ouro> [consultado em 31-05-2020].

9. Nhanhã, nha·nha

(origem obscura)

substantivo feminino

1. [Tabuísmo] Substância viscosa ou pastosa. = GOSMA
2. [Tabuísmo] Esperma.

nha·nhã

substantivo feminino

[Brasil] Tratamento carinhoso dado às meninas.

“**nhanhã**,” in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/nhanh%C3%A3> [consultado em 31-05-2020].

10. Nhenhequeira, Sem significado dicionarizado# seria a que guarda o ou a nhenhê?

11. Pepeca- pe-pe-ca |é|

(origem obscura)

substantivo feminino

[Brasil, Informal] Conjunto das partes genitais femininas. = VULVA

“**pepeca**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/pepeca> [consultado em 31-05-2020].

12. Pasto, pas-to

(latim *pastus, -us*)

substantivo masculino

1. .Ato de pastar.

2. Erva que serve para alimento de gado. = PASCIGO, PASTAGEM

3. Terra com vegetação rasteira onde o gado pasta. = PASCIGO, PASTAGEM

4. Matéria que serve para a .atividade dos agentes que consomem as coisas.

5. [Figurado] Doutrina, ensino.

6. Gozo, regozijo, satisfação.

7. Tema, assunto.

8. Comida.

“**pasto**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/pasto> [consultado em 31-05-2020].

13. Pitéu, pitéu | s. m.

pi-téu

(origem obscura)

substantivo masculino

[Informal] Comida muito apetitosa. = ACEPIPE, IGUARIA, MANJAR, PETISCO

“**pitéu**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/pit%C3%A9u> [consultado em 31-05-2020].

14. Udu, **Udu-de-coroa-azul**

O udu-de-coroa-azul é uma ave coraciiforme da família Momotidae.

Também conhecido como udu, uru, juruva, tropeiro, duro-duro ou martim-pescador-da-mata-virgem (Pantanal do Mato Grosso do Sul). A subespécie *Momotus momota marcgraviana*, do nordeste, está cada vez mais rara devido à redução de seu *habitat*, a Mata Atlântica.

Nome Científico

Seu nome científico significa: de *momotus* nome específico para esta ave (Linnaeus, 1766); e de *momota* corruptela de *momot* = nome Azteca mencionado por Hernandez (1651) para um pássaro com coroa azul, do tamanho de um pombo que habitava as regiões tropicais. ⇒ **Pássaro Momota** ou **pássaro de coroa azul**.

Características: O udu-de-coroa-azul pode medir entre 41 e 46 centímetros de comprimento. A subespécie *M. m. momota* pesa 145 gramas.

As partes superiores da ave são verdes, tornando-se azuis na cauda inferior, e as partes de baixo são verdes ou possuem coloração ferruginosa, dependendo da subespécie. A cabeça possui uma coroa negra, circundada por uma faixa roxa e azul. Há uma máscara negra e a nuca do animal é castanha. A cauda é longa, com as penas centrais mais compridas do que o corpo e com as demais menores e escalonadas. Na ponta das penas centrais aparecem duas raquetes, onde as franjas laterais da pena foram perdidas e restou somente a ponta. Essa estrutura chama ainda mais a atenção quando a juruva movimenta a cauda lateralmente, em especial quando sente-se observada. Ela origina-se da perda, natural, das estruturas laterais da pena após sua formação.

Manifestações sonoras:: O canto é semelhante ao de uma coruja, emitido mais freqüentemente no clarear e escurecer, embora possa ser escutado a qualquer hora do dia e da noite. Começa com um chamado curto, grave, acelerado (entendido como udu ou duro). Quando outra juruva responde, aceleram o canto e aumentam o número de “udus” (a interpretação onomatopéica do canto passa a ser juruva).

Quadro 6

Órgãos genitais masculinos
01- alfinetinho, alfinete <i>s. m.</i> <i>s. m. pl.</i> 3ª pess. sing. imp. de alfinetar 3ª pess. sing. pres. subj. de alfinetar 1ª pess. sing. pres. subj. de alfinetar al-fi-ne-te ê <i>substantivo masculino</i> - Peça metálica com que se prende roupa, pregando-a. - Broche de senhora. - Joia que se prega na gravata. [Entomologia] Lagarta prejudicial à agricultura. [Botânica] Planta herbácea. “alfinete”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, https://dicionario.priberam.org/alfinete [consultado em 31-05-2020].
02- botatós, seria uma corruptela de (<i>Bothrops atrox</i>): “No falar marajoara, <i>botatós</i> é a denominação popular atribuída ao órgão genital masculino. É levantada a hipótese de que o termo possa constituir uma corruptela de <i>Bothrops atrox</i>, nome científico de uma serpente amazônica, embora essa relação não possa ser afirmada com certeza.
03- comboia Combóia ou jararaca Combóia: Verbo O que é Combóia: Jararaca ou Combóia, Comumente confundida com a Surucucu verdadeira ou Pico-de-Jaca, o nome verdadeiro dela é <i>Bothrops moojeni</i> Hoge, 1966. As serpentes deste gênero são responsáveis por cerca de 80% dos acidentes ofídicos na Amazônia Brasileira. Dentição Solenóglifa, Família Viperidae (das víboras), animal de hábitos noturnos, terrestre, e bastante agressivo. Jararaca Jararaca: Substantivo O que é Jararaca: [Zool.]- Nome comum a diversas cobras da família dos Viperídeos, do gênero <i>Bothrops</i>, que ocorrem na América do Sul, com cauda afilada e cabeça triangular e são muito peçonhentas (VIDE PEÇONHA).

04- curicaca, **curicaca** | *s. f.*

cu-ri-ca-ca - (tupi *kuri'kaka*)

substantivo feminino

[Ornitologia] Ave pelecaniforme, (*Theristicus caudatus*), da família dos tresquiornitídeos, de cabeça, pescoço e peito ocráceos, dorso acinzentado com mancha branca nas asas, patas vermelhas e .rêmiges e ventre pretos.

“curicaca”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/curicaca> [consultado em 31-05-2020].

05- japonês, **ja-po-nês**

(*Japão*, .topônimo + -ês)

adjetivo

1. Relativo ou pertencente ao Japão, país asiático. = .NIPÔNICO

substantivo masculino

2. Natural, habitante ou cidadão do Japão. = .NIPÔNICO

3. [Linguística] Língua do Japão.

adjetivo e substantivo masculino

“**japonês**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/japonês> [consultado em 31-05-2020].

07- jararaca-do-norte (*Bothrops atrox*) é uma serpente de hábito terrícola, sendo a jararaca mais encontrada na região Amazônica, segundo Instituto Butantan. *Bothrops atrox*, informações sobre serpentes peçonhentas da Amazônia. São Paulo: Instituto Butantan e Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, sobre serpentes da Amazônia e acidentes ofídicos. Rio de Janeiro: Fiocruz. O habitat varia entre matas, locais inundados e pequenos portes de mata. Seu tamanho pode chegar até 1,5 metro e, como uma serpente diurna, pode estar ativa durante todo o dia. Está presente na região tropical da América Central e do Sul.

#08- nhanhaqueiro, seria o que “come” a nanhã? (SIM)

#09- nhenhê seria o masculino de nanhã? (SIM)

#10- pen-drive, pen | *s. f.*

pen | péne| (palavra inglesa)

substantivo feminino

1. [Informática] Ver **chave de memória**.

pen drive

• [Informática] Ver **chave de memória**.

“**pen-drive**,” in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/pen-drive>, [consultado em 31-05-2020].

10- pepeco, seria o feminino de pepeca?

11- socó-boi, 12/02/20 às 10h00 - Atualizado em 24/03/20 às 16h15

Socó-boi (*Tigrisoma lineatum*)



TAXONOMIA	
Classe	Aves
Ordem	Pelicaniformes
Família	Ardeidae

Características: Mede em torno de 70 cm de comprimento e pesa cerca de 840 gramas. A plumagem adulta é idêntica para ambos os sexos e é adquirida aos dois anos de idade, caracterizando-se pelo pescoço castanho com uma faixa branca vertical na frente e o dorso pardo-acinzentado. Possui um bico bastante longo. A plumagem do socó-boi jovem é amarelo-clara com faixas transversais negras, garganta e ventre brancos e o bico é relativamente curto.

Distribuição Geográfica: Ocorrem no Brasil em todas as regiões, com destaque para a região Sudeste. Mundialmente há registros da América Central à Bolívia.

Órgão genital feminino - Termos em formato detalhado

Nome	Divisão silábica	Classe	Origem	Sentido literal	Metáfora/tabua	Processo	Justificativa
Arapapá	a-ra-pa-pá	substantivo masculino (nome de ave)	tupi/in-dígena	ave de bico largo (Cochlearius cochlearius).	eufemismo para a vulva, associando exotismo e forma peculiar	metáfora da fauna local	aves regionais incorporadas ao repertório popular
Caiteira	cai-ei-ra	substantivo feminino	caiar + sufixo -eira	forno de cal.	eufemismo para a vulva, associando calor e interioridade.	derivação sufixal + metáfora.	reforça a ideia de recipiente fértil.
Fruinha	fru-ti-nha	substantivo feminino	fruta + sufixo diminutivo -inha	fruto pequeno; também cachaça	eufemismo para a vulva, associando fertilidade e doçura	derivação sufixal diminutiva + metáfora	suaviza o tabu com afeto
Gaveta / Gavetinha	ga-ve-ta / ga-ve-ti-nha	substantivo feminino	latim cavea (“caixa”).	compartimento de móveis	eufemismo para a vulva, associando interioridade e guardar algo precioso	derivação sufixal diminutiva + metáfora	oralidade transforma objeto cotidiano em metáfora íntima
Janela	: ja-ne-la	substantivo feminino	latim vulgar januella	abertura em parede ou veículo	eufemismo para a vulva, associando abertura e interioridade	empréstimo lexical + metáfora	reforça a ideia de entrada
Jardim	jar-dim	substantivo masculino	francês jardin	terreno com plantas de adorno	eufemismo para a vulva, associando fertilidade e beleza	empréstimo lexical + metáfora	conecta corpo feminino à fertilidade
Marmita	mar-mi-ta	substantivo feminino	latim vulgar marmitta	recipiente de comida; ventre	eufemismo para a vulva, associando recipiente e acolhimento	extensão semântica + metáfora	: reforça interioridade e acolhimento

Nome	Divisão silábica	Classe	Origem	Sentido literal	Metáfora/tabu	Processo	Justificativa
Mina	mi-na	substantivo feminino	francês mine.	jazida, fonte de riqueza	eufemismo para a vulva, associando tesouro oculto e fertilidade	empréstimo lexical + metáfora	associa corpo feminino à riqueza escondida
Nhanhá	nha-nhá	substantivo feminino	oralidade popular.	sem registro dicionarizado	eufemismo afetivo para a vulva	oralidade criativa + metáfora	suaviza tabu com afeto.
Nhenhequeira	nhen-he-queira	substantivo feminino	nhenhe + sufixo -eira.	a que guarda o nhenhê	eufemismo para a vulva, associando recipiente íntimo	derivação sufixal + metáfora	oralidade cria pares eufemísticos
Pasto	pas-to	substantivo masculino	latim pastus.	campo de alimento para gado	eufemismo para a vulva, associando fertilidade e prazer	extensão semântica + metáfora	conecta corpo feminino à ideia de campo fértil
Pepeca	pe-pe-ca	substantivo feminino	oralidade popular	sem registro dicionarizado	eufemismo afetivo para a vulva	oralidade criativa + diminutivo	suaviza tabu com ludicidade
Pitéu	: pi-téu	substantivo masculino	Obscura	comida apetitosa, iguaria	eufemismo para a vulva, associando prazer e desejo	metáfora alimentar + tabuismo	conecta corpo feminino à ideia de iguaria desejada.
Udu	u-du	substantivo masculino	onomatopeia do canto da ave Mo-motus momota.	ave amazônica de coroa azul.	eufemismo para a vulva, associando raridade e beleza	onomatopeia + metáfora da fauna.	reforça ligação entre fauna local e corpo feminino.

Órgão genital masculino - Termos em formato detalhado

Nome	Divisão silábica	Classe	Origem	Sentido literal	Metáfora/tabu	Processo	Justificativa
Nhanha-queiro	nha-nha-quei-ro	substantivo masculino (derivado de <i>nhenhequeira</i>)	forma popular, oralidade	seria o masculino de <i>nhenhequeira</i> ou “aquele que usa a nhenhequeira	usado para designar o órgão genital masculino, em oposição ao feminino <i>nhenhequeira</i>	derivação sufixal (- <i>eiro</i>) indicando agente/masculino	mostra como a oralidade cria pares masculino/feminino para manter simetria linguística na nomeação dos órgãos sexuais
Nhenhê	: nhen-hê	substantivo masculino	oralidade popular, possivelmente onomatopeia	sem registro dicionarizado; forma lúdica ou afetiva	considerado o masculino de <i>nhanhã</i> , usado para designar o pênis	oralidade criativa + onomatopeia	reforça a simetria popular entre os termos femininos (<i>nhanhã</i>) e masculinos (<i>nhenhê</i>)
Pendrive / Pen	pen-dri-ve	substantivo masculino	empréstimo do inglês (<i>pen drive</i>)	dispositivo eletrônico de armazenamento	usado popularmente para designar o pênis, pela forma alongada e função de “armazenar/transfereir	empréstimo lexical + metáfora tecnológica	mostra como objetos modernos entram no repertório popular de eufemismos sexuais
Alfine-tinho / Alfinete	al-fi-ne-te / al-fi-ne-ti-nho	substantivo masculino	árabe <i>al-finnát</i> (“agulha”)	pequeno objeto metálico com ponta	usado como metáfora para o pênis, pela forma pontiaguda e pequena	metáfora de objeto cotidiano + diminutivo (- <i>inho</i>)	reforça o humor popular ao associar tamanho e forma do órgão masculino a objetos comuns
Curicaca	cu-ri-ca-ca	substantivo feminino (nome de ave)	tupi <i>kurikaka</i>	ave da família <i>Threskiornithidae</i> , de bico longo e curvado	usada para designar o pênis, pela semelhança com o bico longo	metáfora da fauna local	mostra como aves regionais são incorporadas ao repertório popular de metáforas sexuais

Nome	Divisão silábica	Classe	Origem	Sentido literal	Metáfora/tabu	Processo	Justificativa
Socó-boi	so-có-boi	substantivo masculino (nome de ave)	tupi <i>sokó</i> + boi (comparação de porte)	ave da família <i>Ardeidae</i> , de grande porte	usada para designar o pênis, pela associação ao tamanho avantajado	metáfora da fauna + comparação de porte	reforça a valorização cultural do tamanho como atributo masculino
Pepeco	pe-pe-co	substantivo masculino	oralidade popular, derivado de <i>pepeca</i>	seria o masculino de <i>pepeca</i>	usado para designar o pênis, como par masculino do termo feminino	oralidade criativa + derivação por analogia	mostra como a comunidade cria pares simétricos para os órgãos sexuais
Japonêsinho	ja-po-ne-sin-ho	substantivo masculino	japonês + sufixo diminutivo <i>-inho</i>	pessoa de origem japonesa em forma diminutiva	usado como metáfora para o pênis, possivelmente associado a estereótipos de tamanho	derivação sufixal diminutiva + metáfora cultural	revela como estereótipos étnicos podem ser incorporados à linguagem popular
Comboia / Jararaca	com-boi-a / ja-ra-ra-ca	substantivo feminino (nome popular de serpente)	tupi <i>yarárá</i> ("cobra venenosa")	serpente peçonhenta	usada para designar o pênis, pela forma alongada e perigosa	metáfora da fauna (serpente)	reforça a associação cultural entre o órgão masculino e força/ameaça
Jararaca-do-norte (<i>Bothrops atrox</i>)	ja-ra-ra-ca-do-nor-te	substantivo feminino (nome científico de serpente)	tupi <i>yarárá</i> + latim científico <i>Bothrops atrox</i>	serpente venenosa da Amazônia	usada para designar o pênis, pela forma e pelo perigo associado	metáfora zoológica + empréstimo científico	mostra como até nomes científicos podem ser popularizados como metáforas sexuais
Botatós	bota-tós	substantivo masculino (forma popular)	possivelmente corruptela de <i>Bothrops atrox</i>	referência popular à serpente jararaca-do-norte	usado para designar o pênis, pela associação à cobra venenosa	corruptela popular + metáfora zoológica	revela como a oralidade transforma nomes científicos em formas populares, criando eufemismos.

A análise das denominações populares atribuídas aos órgãos genitais feminino e masculino revelou um conjunto expressivo de metáforas, comparações e processos de criação lexical profundamente enraizados na cultura marajoara. Esses termos, longe de serem meras curiosidades linguísticas, constituem um repertório simbólico que traduz valores sociais, percepções de gênero, humor, tabus e modos de ver o corpo no cotidiano da comunidade.

Ao examinar essas palavras, observou-se que os falantes recorrem a elementos da fauna, objetos do dia a dia, alimentos, empréstimos linguísticos e formas inventivas da oralidade para nomear partes íntimas do corpo humano. Esse procedimento metafórico não apenas suaviza o tabu associado ao tema, mas também revela a criatividade popular e a capacidade de transformar experiências corporais em imagens culturais compartilhadas.

A seguir, apresenta-se um levantamento organizado dos principais padrões metafóricos identificados, evidenciando como cada grupo de palavras reflete aspectos simbólicos, afetivos e socioculturais do falar marajoara.

1. Fauna como metáfora

- **Feminino:** *Arapapá, Udu* → aves raras e belas; associadas à fertilidade, exotismo e interioridade.
- **Masculino:** *Curicaca, Socó-boi, Jararaca, Botatós, Comboia* → aves e serpentes; associadas ao tamanho, forma alongada e força/ameaça.
- **Padrão:** a natureza fornece imagens para suavizar o tabu, com aves e cobras funcionando como símbolos sexuais.

2. Objetos cotidianos

- Feminino: Gaveta, Janela, Marmita, Caieira → objetos de guardar, abrir, conter; metáforas de interioridade e acolhimento.
- Masculino: Alfinete, Pendrive → objetos pequenos ou tecnológicos; metáforas de forma, função e humor.
- Padrão: o corpo é comparado a objetos comuns, tornando o tabu mais próximo da vida diária.

3. Alimentação e prazer

- **Feminino:** *Frutinha, Pitéu, Marmita* → metáforas de alimento, doçura, iguaria.
- **Masculino:** menos frequente, mas aparece em comparações indiretas (ex.: *Pepeco* como par de *Pepeca*).
- **Padrão:** comida como metáfora do desejo e da intimidade.

4. Oralidade criativa e afetiva

- **Feminino:** *Nhanhã, Pepeca, Nhenhequeira* → formas inventadas, diminutivos, afetividade.
- **Masculino:** *Nhenhé, Nhanhaqueiro, Pepeco* → pares criados por analogia, mantendo simetria.
- **Padrão:** a oralidade popular inventa palavras lúdicas e afetivas para suavizar o tabu.

5. Empréstimos e corruptelas

- **Feminino:** *Mina, Jardim, Janela* → empréstimos do francês e latim.
- **Masculino:** *Pendrive, Japonesinho, Botatós* → empréstimos modernos e corruptelas de nomes científicos.
- **Padrão:** tanto empréstimos eruditos quanto modernos entram no repertório popular, adaptados ao contexto sexual.

6. Valores culturais associados

- **Feminino:** fertilidade, beleza, acolhimento, riqueza oculta, exotismo.
- **Masculino:** tamanho, força, perigo, humor, modernidade.
- **Padrão:** o feminino é metaforizado como território fértil e precioso, enquanto o masculino é metaforizado como instrumento de força, ameaça ou potência.

A criatividade popular transforma tabu em metáfora, recorrendo a fauna, objetos, alimentos, empréstimos e oralidade. O feminino é marcado por imagens de acolhimento, fertilidade e beleza e o masculino por imagens de força, tamanho e perigo. Em resumo: a linguagem popular cria um verdadeiro inventário cultural da sexualidade, onde cada palavra

é uma metáfora viva, revelando humor, imaginação e valores sociais. Na boca do povo, o tabu floresce em metáfora e se eterniza em poesia.

Assim, com as palavras selecionadas, foi necessário consultar e dicionários em prol da obtenção de para que se pudesse ter conhecimentos sobre os dos significados originais de cada palavra arrolada, ou, considerar os informes dados pelos por meio de informações dos próprios informantes, para então, chegar à significação de uma palavra, pois, pelo uso que o falante faz da palavra e pelas informações inscritas nos que se consegue a partir de dicionários, foi possível iniciar pôde-se iniciar o processo de análise de cada palavra, tentando reconhecer -lhes a estrutura mórfica e o processo formador, ou mesmo se surgiram por analogias.

Apresentada a análise das palavras neste trabalho, e o estabelecimento da relação entre as palavras e suas estruturas e processos formadores.

O resultado da primeira investigação resultou no vocabulário referente às partes do corpo humano nos falares dos habitantes de Salvaterra e da explicação de cada uma das palavras recolhidas quanto ao significado e quanto ao possível processo pelo qual foram formadas.

No tocante às variáveis sociais, a escolaridade mostrou-se um possível fator influenciador, visto que os significados dicionarizados de grande parte do vocabulário escolhido para o trabalho foram bem reconhecidos por participantes com escolaridade de nível superior. As variáveis sexo e faixa etária não se mostraram significativamente produtivas. Os resultados também demonstram que o campo lexical das construções que são objeto deste estudo, são semelhantes, porém, os nomes primários foram reconhecidos por todos e muitos são utilizados no recesso do lar dos investigados. Ao longo deste estudo onomasiológico, observou-se que o vocabulário recolhido carrega significados arbitrários que estão em variação e que isso pode ser reflexo cultural e social da maneira de as pessoas conceberem e denominarem o mundo que as cerca

Diante desses resultados, tornou-se necessário ampliar o escopo da investigação, buscando compreender não apenas os significados dicionarizados e os processos de formação lexical, mas, também, os usos metafóricos e criativos que emergem da oralidade popular. Assim, a segunda pesquisa concentrou-se na coleta e análise de vocabulário relacionado às metáforas sexuais presentes nos falares de Salvaterra, com especial atenção às cons-

truções que revelam a inventividade cultural da comunidade. Essa etapa permitiu observar como o tabu da sexualidade é reelaborado em imagens poéticas, humorísticas e simbólicas, oferecendo um retrato ainda mais profundo da relação entre língua, cultura e sociedade

Na continuidade do estudo, a segunda investigação concentrou-se em um campo lexical mais específico e sensível: as partes do corpo humano com foco nos órgãos genitais feminino e masculino. Diferentemente da primeira etapa, que privilegiou o levantamento geral do vocabulário corporal, esta fase buscou compreender como a oralidade popular de Salvaterra reelabora o tabu da sexualidade por meio de metáforas, eufemismos e criações linguísticas. O objetivo foi identificar não apenas os nomes primários, mas também as formas inventivas que circulam nos falares locais, revelando os processos culturais e sociais que sustentam tais denominações.

5.3 A TERCEIRA PESQUISA “ASPECTOS LEXICAIS E SEMÂNTICOS DO PORTUGUÊS FALADO NA REGIÃO DO MARAJÓ, ESTADO DO PARÁ”

Os resultados das duas pesquisas anteriores validaram a existência de um leque de variações no falar dos usuários da língua portuguesa no estado do Pará, tornando-se a mola propulsora para a proposição de um terceiro trabalho com o objetivo de mapear o léxico do português falado em localidades marajoaras, o que será fundamental para a resolução da busca a ser realizada, em termos das variações semântico-lexicais.

A pesquisa, institucionalizada pela Universidade do Estado do Pará – UEPa e vinculada ao grupo de pesquisa “Linguagens e Tecnologias – LINTEC” será coordenada pela Prof^a Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza, com o apoio da Profa. Dra. Rosana Siqueira de Carvalho do Vale e da Profa. Ma. Waldinett Nascimento Torres e dos agentes de pesquisa a Comunicóloga Ramayana Isis Torres Pena, o Prof. Biólogo Ruan Filipe Torres Pena, a monitora graduanda em letras – LP Fernanda Rodrigues Figueiredo Lobato e a Prof^a. Dr^a. Monise Campos Saldanha pretende, após devido levantamento do lexico utilizado pelos falantes de Jobim, Condeixas, Joanes e Monsarás, comunidades integrantes do município de Salvaterra, localizado na região do Marajó do Estado do Pará, registrar as possíveis

variações semântico-lexicais existentes no vocabulário relativo às práticas laborais agropecuárias dos falantes dessas localidades. Assim, o objetivo geral incide na elaboração de um glossário relativo a essas práticas laborais dos moradores dessas localidades, bem como, às variações existentes.

O estudo será de cunho documental e descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa, norteador pelos estudos da Sociolinguística, desenvolvidos por Labov (2003), pela Geografia Linguística de Gilliéron, pela Dialetoologia pluridimensional e relacional desenvolvida por Thun (1998) e da concepção de Tarallo (1985:8) sobre a variação linguística. A questão norteadora incidirá no questionamento “qual o vocabulário específico relacionado à plantação e produção de mandioca, abacaxi e demais cultivos, bem como à criação de bovinos, bubalinos, suínos e outras criações presentes na comunidade.

A análise do *corpus* da pesquisa, em termos dos itens lexicais utilizados pelos falantes das comunidades escolhidas, terá o apoio dos programas computacionais *Flex (Fieldworks Language Explorer)*, *Lexique Pro* e os resultados do estudo subsidiarão a elaboração de um Glossário pertinente a cada comunidade, acompanhado da devida análise comparativa entre os léxicos existentes das características e tendências linguísticas e culturais importantes para o registro e valorização da identidade cultural do estado do Pará e das comunidades integrantes do seu território. O projeto visando investigar as particularidades lexicais e semânticas do português falado no estado do Pará, mais especificamente, na região do Marajó, conhecida por sua rica diversidade cultural e linguística, no âmbito das variações linguísticas é considerado de grande importância pela equipe de pesquisadores, haja vista a pesquisa dialetal permitir tal conhecimento

A escolha do estado do Pará, como ponto linguístico, ocorreu por ser ele o segundo maior estado em extensão do território nacional, dotado de um campo vasto para pesquisas dialetais, realizadas à luz dos estudos da Lexicologia, Lexicografia e dos pressupostos teóricos e metodológicos de autores da área, o que motiva a realização da pesquisa que resultará em obra que documente, em forma de glossário, as variações lexicais faladas nas comunidades pesquisadas.

É válido ressaltar que, embora hajam muitas pesquisas relevantes sobre as variações lexicais, realizadas no Brasil, ainda é necessária a expansão

desse tipo de estudo, principalmente, na mesorregião Marajó, que segundo o Portal da Amazônia (2021) é o maior arquipélago flúvio-marítimo do Planeta, que apresenta dificuldades de acesso, em virtude das grandes distâncias a serem percorridas na região.

A pesquisa mencionada torna-se relevante pelo fato de propor a elaboração de uma obra lexicográfica, de caráter documental, tecnológico e, de certa forma, inovador, tendo em vista que será organizado a partir de um banco de dados, que poderá ser disponibilizado para a comunidade acadêmica, documentando o léxico falado em Jobim, Condeixas, Joanes e Monsarás, localidades integrantes do município de Salvaterra, localizado na região do Marajó do Estado do Pará, localidades da mesorregião Marajó.

Tem como intuito valorizar os aspectos socioculturais presentes no uso das variações faladas pelos nativos das comunidades pesquisadas a fim de que possam ser repassadas às futuras gerações, considerando as dimensões da variação linguística diatópica, (topoestático), diageracional (faixa etária), diastrática (escolaridade), diassexual (sexo), diazonal, dialingual e diafásica, determinadas pela Dialectologia pluridimensional e relacional e sob o enfoque teórico da Sociolinguística e da Geografia Linguística.

Do ponto de vista linguístico, cultural e geográfico, nas áreas a serem pesquisadas na mesorregião Marajó- Pará, por mais que existam pesquisas relevantes já realizadas, ainda necessitam de mais estudos que possam registrar os fenômenos linguísticos passíveis de identificação na fala dos habitantes das localidades marajoaras. Portanto, a pretensão dos pesquisadores é a de contribuir para a expansão de tais estudos, para que sirvam de base para futuras pesquisas, dada a importância linguística e cultural da Mesorregião Marajó.

Os resultados de pesquisas de informações no passado sobre o uso da língua aumenta a consciência dos falantes sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo; ajuda a manter, na lembrança, fatos importantes que foram olvidados e a preservar a cultura de sociedade. Assim, com esse trabalho espera-se, primeiramente alcançar o objetivo estabelecido e obter respostas para a questão norteadora que envolve os aspectos semânticos e lexicais atuantes na formação do vocabulário a ser observado nos falares desenvolvidos nas localidades do Município de Salvaterra – Marajó – Pará.

PONDERAÇÕES

As duas pesquisas aqui reunidas constituem um percurso contínuo de investigação sobre o léxico do português falado no Marajó, revelando diferentes momentos, enfoques e aprofundamentos ao longo de quase quatro décadas. Cada uma delas, a seu modo, contribuiu para ampliar a compreensão das práticas linguísticas das comunidades marajoaras, evidenciando processos de criação vocabular, permanências culturais e transformações motivadas pelo tempo, pela mobilidade social e pelas mudanças no modo de vida local.

As ponderações que seguem têm por objetivo articular os resultados obtidos nas duas etapas do estudo, destacando como cada investigação dialoga com as anteriores e como, juntas, constroem um panorama consistente sobre o funcionamento lexical e semântico do falar marajoara. Ao revisitar os achados, busca-se não apenas sintetizar os dados, mas também evidenciar a relevância científica, cultural e identitária que emerge do registro e da análise do vocabulário empregado pelos habitantes de Salvaterra, além de servir de ponte para a terceira pesquisa em andamento, sobre o mesmo foco, nas vilas de Joanes, Jubim, Condeixa e Monçará.

A primeira pesquisa, objetivando identificar e registrar o vocabulário utilizado pelos falantes de Salvaterra para nomear as partes do corpo humano, revelou um conjunto expressivo de formas lexicais próprias da comunidade. Os resultados obtidos apontam que, no falar dos entrevistados, são constantes os casos de criação de palavras, seja pelos processos de formação tradicionais (derivação, composição, reduplicação), seja pelos métodos da comparação e da substituição metafórica, tão característicos da oralidade popular. Observou-se, ainda, que muitos desses vocábulos surgem motivados por aspectos culturais, perceptivos ou imagéticos, refletindo a criatividade linguística dos falantes e a forte presença de metáforas associadas ao cotidiano local.

Esses dados, respondendo à questão norteadora do estudo, subsidiaram a elaboração do vocabulário da esfera conceitual das partes do corpo humano e fundamentaram a análise promovida a partir dele.

A segunda pesquisa, ampliando o escopo da investigação inicial, permitiu observar como o vocabulário referente às partes do corpo humano se mantém, se transforma ou se reinventa ao longo do tempo no falar de Salva-

terra. Os dados coletados evidenciaram não apenas a permanência de muitos termos registrados na primeira etapa, mas também o surgimento de novas formas lexicais motivadas por mudanças socioculturais, pela influência de tecnologias contemporâneas e pela dinâmica própria da oralidade marajoara. Verificou-se, ainda, que os falantes continuam recorrendo a processos de criação vocabular marcados pela metáfora, pela comparação e pela adaptação fonológica, o que reforça a vitalidade do léxico local. Assim, a 2ª pesquisa consolidou e aprofundou os achados anteriores, oferecendo um panorama atualizado do repertório lexical da comunidade e contribuindo para a compreensão da evolução linguística no intervalo de quase quatro décadas.

A terceira pesquisa, desenvolvida a partir dos achados das duas investigações anteriores, ampliou o campo de observação para outras vilas marajoaras, permitindo um olhar mais abrangente sobre o vocabulário semântico-lexical empregado em diferentes comunidades da região. Os dados preliminares revelam que, embora cada localidade apresente particularidades próprias, há um conjunto de regularidades que confirma a vitalidade da criação lexical no Marajó, especialmente no que se refere às metáforas, às comparações e às adaptações fonológicas que marcam o falar popular. Além disso, a ampliação do território investigado possibilitou identificar novas unidades lexicais e usos específicos que enriquecem o repertório já registrado, fortalecendo a compreensão das dinâmicas linguísticas que atravessam o arquipélago.

Pretende-se que os resultados a serem alcançados nessa pesquisa, tal como os oriundos da 1ª e 2ª pesquisas, sirvam como fonte de conhecimento para pesquisas de estudos linguísticos, em específico, para a área de Lexicologia e Lexicografia, considerando a contribuição dos registros de fala de habitantes das localidades a serem pesquisadas, para o enriquecimento da cultura das comunidades acima enunciadas.

Os resultados desses estudos poderão ser considerados inéditos, não pelo alvo do estudo, mas sim pela especificidade da abordagem, a qual aguçar, com certeza a atenção dos moradores para a evolução de sua escrita ao longo dos anos, além de contribuir para a descrição da língua portuguesa brasileira, no referente à composição de um dicionário que versará sobre a origem das palavras utilizadas por uma determinada comunidade, no século XIX.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. **Sociolinguística** - Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda e Bentes Anna Cristina. Introdução à linguística. São Paulo: Cortez. 2001. Vol1.
- ALTENHOFEN, C. V. **A Constituição do corpus para um “Atlas Linguístico-Contatual” das Minorias Alemãs na Bacia do Prata**. IN: Martius-Standen-Jahrbuch, São Paulo, n.51, p. 135-165, 2004.
- ARAGÃO, M. S. S. **A Socioterminologia e Etnoterminologia das plantas medicinais no Nordeste**. Periódicos da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Vol. 15, ano 34, no1, p. 34-49. Paraíba, 2010.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2004
- BABINI, Maurizio. **Do conceito à palavra**: os dicionários onomasiológicos. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 58, n. 2, p.38-41, abr.-jun. 2006.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 1a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007a.
- BALDINGER Kurt. **Teoria Semântica - Hacia una Semántica Moderna**. 1970. Editora Alcalá.
- BARBOSA, M. A. **Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. In Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília, 1990. p. 152-158.
- BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. Editora: Edusp. São Paulo, 2004.
- BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. (Org.). **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas. 1a ed. São Luís, v. 1, p. 166-185. UFMA, 2010.
- BIDERMAN, M T. C. Fundamentos da Lexicologia. In: **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 99 – 155.
- BIDERMAN, M. T.C. **Introdução**: as ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.P; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Ed. UFMS, 2a edição, p. 13-22. Campo Grande, 2001.
- CABRAL, A. S. A. C.; RAZKY, A.; SILVA, A. P. do C.; LOPES, J. D.; SILVA, T. F. **L’Atlas linguistique sonore des langues indigènes du Brésil: un projet en cours. Géolinguistique**, Grenoble, n. 15, p. 215–232, 2015.
- CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; BRAGA, Alzerinda; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; MINDLIN, Betty. Línguas entrelaçadas: uma situação sui generis de línguas em contato. Pápis: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, v. 21, n. 2, p. 221–230, 2011.

CABRAL, A. S. A. C.; RAZKY, A.; SILVA, A. P. do C.; LOPES, J. D.; SILVA, T. F. L'Atlas linguistique sonore des langues indigènes du Brésil: un projet en cours. *Géolinguistique*, Grenoble, n. 15, p. 215–232, 2015.

CABRÉ, Maria Teresa. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**. v. 24, n. 3, 1995.

CALVET, L.J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. 2a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. G. **Sociolinguística** - parte II. In: MUSSALIM, F.& BENTES, A. c. (ed).

CARDOSO, S. A. M. da S. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CASTILHO, A. T. de (org.) Introdução a Linguística. São Paulo: Cortez, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, E. **Sentido y Tareas de la Dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México / Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

DAPENA, José-Álvaro Porto. **Manual de técnica lexicográfica**. Arco/Libros. Madrid, 2002.

DIETRICH, W.; THUN, H.; SYMEONIDIS, H.; AQUINO, A. **Atlas Lingüístico Guaraní Románico**. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano (Dialectología pluridimensionalis Románica). *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* Vol. 8, Miscelánea de lingüística iberoamericana, 2010, p. 239-242.

DORNSEIFF, FRANZ — **Der Deutsche Wortschatz nach Sachgruppen**, 2 a ed., 1940. Introdução, p. 25.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

FAULSTICH, E. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica**. In: *Ciência e Cultura*. Vol. 58, n.º.2, p. 27-31. São Paulo, 2006.

FAULSTICH, E. **Metodologia para projeto terminográfico**. In: Simpósio Latino-americano de Terminologia, 2. Encontro brasileiro de terminologia técnico-científica, 1. Anais. Brasília- DF, 1990.

FAULSTICH, E. **Para gostar de ler um dicionário**. In: RAMOS, C. de M. de A; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. (Org.). *Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas*. 1a ed. São Luís, v. 1, p. 166-1. UFMA, 2010.

FAULSTICH, E. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa**, uma disciplina. In: FAULSTICH, E. *Terminologia, Socioterminologia, Dialectologia: afinidades e necessidades interdisciplinares*. Anais do II CIDS. Belém-Pará, 2012.

FIGUEROA, E. **Sociolingüística metatheory**. Oxford: Pergmon, 1996.

GUIRAUD, P. **A Semântica**. Tradução de Maria Elisa Mascarenhas. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1980.

HENRIQUES, C. C. **Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Coleção Português na Prática. Alta Books. Rio de Janeiro, 2018.

KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria & prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, 2008.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte.

MOREIRA, Cristiane Fernandes. **As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/ Vera Cruz /Bahia** / Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de semântica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 20008

RODRIGUES, Ana Lúcia Aquilas. **Aspectos éticos**. In: RODRIGUES, Ana Lúcia Aquilas. Impacto de um programa de exercícios no local de trabalho sobre o nível de atividade física e o estágio de prontidão para a mudança de comportamento. Dissertação de Mestrado (Fisiopatologia Experimental) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. f. 19- 20

SAGER, Juan Carlos. **A practical course in terminology processing**. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1998.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

TORRES, Waldinett Nascimento. **Nomenclatura das partes do corpo humano na área de Salvaterra Marajó – Pará**. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal do Pará, 1981.

BRAGA, A.; CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; MINDLIN, B. Línguas entrelaçadas: uma situação sui generis de línguas em contato. *Papia*, v. 21, n. 2, p. 221–230, 2011.

SOBRE AS AUTORAS

ELISA MARIA PINHEIRO DE SOUZA

Graduada em Letras e Pedagogia, Mestre em Ciências da Educação – Docência Universitária pelo Instituto Pedagógico Latino-Americano e Caribenho e Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Pará, membro do Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários, líder do Grupo de Pesquisa Linguagens e Tecnologias, membro do Conselho Editorial da Editora Bagai e das Revistas “Ribanceira” e “Asas da Palavra, coordenadora do Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários – NELL, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas – Mestrado Profissional. Experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, atuando principalmente, com os temas: educação, morfossintaxe, língua latina, diacronia da língua portuguesa, prática pedagógica, tecnologias digitais e educação a distância.

CV: <http://lattes.cnpq.br/6566132028659762>

Contato: yanaeli1@hotmail.com

WALDINETT NASCIMENTO TORRES

Graduada em Letras e Artes (UFPA), Especialista em Língua Portuguesa: uma abordagem textual, Mestre em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (UEPA) e Mestranda em Ciência da Educação pela Universidade de Colúmbia –PY, membro do Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários e do Grupo de Pesquisa Linguagens e Tecnologias, docente da Universidade do Estado do Pará com experiência na área de Letras e Filosofia, com ênfase em Linguística, atuando principalmente, com os temas: educação, morfossintaxe, línguas latina e grega, diacronia da língua portuguesa, prática pedagógica, tecnologias digitais e educação a distância.

CV: <http://lattes.cnpq.br/2526009441060007>

Contato: waldinetttorres@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acolhimento 65, 69–70
Alergia 44
Anelar 44
Anus 43
Arapapá 56, 65, 69
Arranhão 44
Ausência da fala 43
Ausência de cabelo 43
Ausência de dentes 43

B

Banguela 43, 48
Barriga grande 43
Bexiga 43
Bílis 43
Brotoeja 44

C

Cacete 47
Caganeira 47
Calo 43
Canhoto 43
Caninos 46
Catinga 43
Cérebro 43–44
Chulé 44
Cicatrizes 44
Cocô 45, 49
Cocota 47
Corcunda 44
Cosca 44
Crespo 49
Curicaca 55, 63, 67, 69

D

Diarreia 47
Doença da pele 44
Doença do nervo 45
Doença do peito 45
Doenças mentais 44

E

Empacho 47
Enjoo 47
Espirro 45
Estômago 45, 47
Expectoração 45

F

Fanhoso 45
Fedor de suor 43
Ferida 45
Fígado 45
Flatulência 45

G

Gago 45
Garganta 45, 48, 64
Gaveta (metáfora) 58, 65, 69
Gogó 48

H

Hemorroidas 45

I

Impotência sexual 46
Intestinos 46

L

Lábios 46
Língua presa 46

M

Mau hálito 46
Metáfora 55, 65–71, 76
Mijo 43, 49
Mindinho 44
Miolo 43–44
Murrudá 46

N

Narinas 46
Nhenhequeira (metáfora) 60, 66–67, 70
Nuca 47, 61

O

Orelhas 47–48

P

Pálpebras 47
Palpitação 46
Peito de pombo 10, 48, 53
Perereca 47
Piroca 47
Pomo-de-adão 48
Pulmões 45, 48

R

Rim 48
Rosto 45, 48

S

Sarda 44, 48
Seios 48
Sinal (pinta) 37, 44, 48
Sobrancelhas 48
Surdo 43

T

Testa 49, 56
Tornozelo 49

U

Umbigo 49
Unha encravada 49
Urina 43, 49

V

Variação lexical 9, 12, 14
Vesgo 45
Vomitar 49



Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br